



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA**

O DIA DA CAÇA E O DIA DO CAÇADOR

peça teatral de autoria de Dejour Cardoso da Silva

vencedora, em 3º lugar, do

1º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/1988

IMPORTANTE: Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. *“Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”, exclusivamente, “nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital” (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), “sem ônus para o Município e para os encenadores”, após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.*

O DIA DA CAÇA E O DIA DO CAÇADOR
de Dejour Cardoso da Silva

PRIMEIRO ATO

Cena 1

VIVALDO e SETÚBAL estão frente a frente, no imaginário escritório do último. VIVALDO é jovem, bonito. SETÚBAL, beirando sessenta anos, usa paletó, e está sempre fumando charuto. Ele passa para VIVALDO um pedaço de papel.

VIVALDO

*(Lê) Benedito Vaz de Oliveira, Estrada das Pedras, casa sete, Vila Nova.
(Encara SETÚBAL) Pra quando?*

SETÚBAL

Amanhã.

VIVALDO

Deixa comigo.

SETÚBAL enfia a mão no bolso, pegando um maço de dinheiro.

VIVALDO

Quando é que eu vou ter aumento, Setúbal?

SETÚBAL

Na próxima tarefa.

VIVALDO

(Guarda o pacote de dinheiro, sem conferir) Quanto é que você vai aumentar?

SETÚBAL

Talvez eu dobre.

VIVALDO

Nada mais justo. Faz tempo que você vem me pagando a mesma quantia pelas

tarefas. Até amanhã.

SETÚBAL

Até amanhã.

Blecaute.

Cena 2

VIVALDO está diante de uma casa imaginária (ou desenhada no telão de fundo). Noite escura. Ruído de vento.

VIVALDO

(Referindo-se ao número da casa) Sete. (Bate palmas)

Cão late, ao longe.

VIVALDO

Ó de casa! (Pausa)

VIVALDO olha para os lados, ajeita o chapéu no rosto, de modo a cobri-lo um pouco. Posta-se diante da casa com a firme intenção de esperar alguém, o tempo que for necessário. Tempo. Blecaute.

Cena 3

VIVALDO em pé, diante da casa, em guarda, vigilante. Fuma um cigarro. Tempo. Ouve-se o assovio de alguém que se aproxima. Sobressalta-se VIVALDO. Música de suspense. Tempo. Surge um homem assoviando uma canção: é BENEDITO. Ele aproxima-se de VIVALDO.

BENEDITO

(Cordial) Boa noite.

VIVALDO

Boa noite.

BENEDITO

O amigo tá querendo falar comigo?

VIVALDO

Benedito Vaz de Oliveira? *(Enfia a mão no bolso)*

BENEDITO

Seu criado.

VIVALDO saca de um revólver, apontando-o para BENEDITO.

BENEDITO

(Espanto, horror) Por que, amigo?

VIVALDO atira em BENEDITO na altura do coração. BENEDITO solta um grito, caindo de costas. VIVALDO joga o resto do cigarro no chão.

BENEDITO

(Agonizando) Por quê? Por quê? *(Morre)*

VIVALDO, frio, amassa a guimba do cigarro com o bico do sapato. Blecaute.

Cena 4

Dia seguinte, pela manhã. SETÚBAL, com o seu charutão, está junto a uma persiana, como que olhando para fora. Fuma concentrado, pensativo. Tempo. VIVALDO entra em cena, dirigindo-se a SETÚBAL.

VIVALDO

Com licença. Bom dia, Setúbal.

SETÚBAL

(Sem virar-se para o outro) Bom dia.

VIVALDO

Missão cumprida, Setúbal.

SETÚBAL

(Com aspecto sinistro, vira-se para VIVALDO) Eu já fui informado que a missão foi cumprida. (Tira do bolso um pacote de dinheiro, estendendo-o para VIVALDO.)

VIVALDO

Pra quando é a próxima?

SETÚBAL

Nem eu ainda sei. Mas eu te aviso.

VIVALDO

Fico te aguardando. Até a próxima.

SETÚBAL

Até a próxima.

VIVALDO vai-se afastando. SETÚBAL o chama.

SETÚBAL

Vivaldo!

VIVALDO

(Volta-se para SETÚBAL) Fala.

SETÚBAL

Eu gosto de você. *(VIVALDO sorri surpreso com a confissão)* Como de um filho.

VIVALDO

(Comovido) Obrigado, **pai** Sigismundo Setúbal. Até outro dia.

SETÚBAL

Até outro dia.

VIVALDO sai. SETÚBAL volta para perto da persiana, olhando para "fora". Luz fecha sobre SETÚBAL, que fuma o charuto. Blecaute.

Cena 5

VIVALDO chega à sala de sua casa, carregando alguns pacotes. Grita esfuziantemente para o interior da casa.

VIVALDO

Ei, gatona!

ALICE surge, correndo para VIVALDO, que deixa os pacotes caírem, abrindo os braços para a amante.

ALICE

Meu gatão, que saudade!

Eles se abraçam e se beijam com voracidade.

ALICE

(Aconchegando-se ao amante, após o beijo) Que saudade, que saudade! Não faz mais isso comigo, Viva. Foram três dias: assim eu não aguento, meu amor!

VIVALDO

Eu precisei demorar um pouquinho mais do que eu tinha programado. Desculpa, benzão! *(Apontando os pacotes no chão)* Presentinhos pra você!

ALICE

(Encantada) Quantos presentes!

VIVALDO

(Sensual, abraçando-a repentinamente) Depois você abre. Primeiro vamos matar a saudade do nosso ninho de amor!

VIVALDO pega ALICE nos braços. Surpresa, ALICE solta um gritinho (Ai!), depois ri deliciosamente.

VIVALDO

(Saindo apressado com ALICE nos braços) Eu não aguento mais esperar nem um segundo!

Saem VIVALDO e ALICE. Blecaute.

Cena 6

Sobre uma colcha colorida esticada no palco, a cama; VIVALDO e ALICE, nus, se amando. Ele por cima. Tempo. Atingem o orgasmo. Ficam abraçados, na aprazível sensação de bem-estar advinda após o embate sexual. Tempo longo.

VIVALDO

Alice.

ALICE

Hum?

VIVALDO

Eu sou o homem mais feliz do mundo: sou amado por uma mulherzinha maravilhosa que se chama Alice Nogueira.

ALICE

(Sorrindo feliz) Eu sou a mulher mais feliz do mundo: sou amada por um **homão** maravilhoso que se chama Vivaldo Nascimento.

Eles riem. Depois se beijam rapidamente - uma "bicota". VIVALDO sai de cima de ALICE, deitando-se ao lado dela.

VIVALDO

Ontem, em Campos, eu vi seu pai.

ALICE

Ah, é? *(VIVALDO faz que sim com a cabeça)* E ele também te viu?

VIVALDO

Viu. A gente quase se chocou. Eu ia entrando num bar, e ele ia saindo. Acho que ele quase quebrou o pescoço quando virou a cara pra não me olhar.

ALICE

(Senta-se, sombria) Eu tenho certeza que foi mamãe que ligou hoje de manhã pra aqui. Eu atendi, e a pessoa do outro lado da linha não deu um pio. Depois

eu liguei pra lá, e ela que atendeu. Ficou calada quando eu disse que era eu, depois ela desligou.

VIVALDO

Não liga, amorzinho. Um dia todos eles vão entender que eu só quero te amar, que eu só quero fazer o bem pra você. *(Pausa.)*

ALICE

Por que você demorou tanto, meu amor?

VIVALDO

(Senta-se) Não foi tanto assim, benzinho: só um dia a mais.

ALICE

Pra mim foi uma eternidade! Mas você ainda não contou o que aconteceu.

VIVALDO

(Ergue-se, aproximando-se de uma cadeira mais ou menos próxima da "cama".) É que eu tive que ir a Vila Nova. *(Contorna a cadeira)* Seu Setúbal comprou uma fazenda lá. Depois de consertar as máquinas do engenho de Campos, eu tive que correr pra Vila Nova pra consertar as máquinas do engenho de lá. *(Senta-se na cadeira.)*

ALICE

(Ergue-se, indo para VIVALDO) Eu fico tão preocupada com essas suas viagens estranhas.

VIVALDO

(Que não gostou da observação dela) Não tem nada de estranho nas minhas viagens, e não há nenhum motivo pra você se preocupar, Alice.

ALICE

(Desprotegida) Eu tenho tanto medo, Viva! Agora eu só tenho você no mundo.

VIVALDO

(Puxa-a para si, fazendo-a sentar-se no seu colo) Confia em mim, meu amor!
(Excitado) Confia no seu homem!

O casal inicia o jogo amoroso, com carícias, gemidos. VIVALDO penetra ALICE. Luz vai-se extinguindo sobre o casal fazendo amor na cadeira. Blecaute.

Cena 7

Bar sugerido por uma mesa acompanhada por três cadeiras. ELISEU, vestindo uniforme de trabalho, está sentado nela, bebendo refrigerante. Amigo de VIVALDO, regula a idade deste. Tempo. Surge VIVALDO, aproximando-se da mesa ocupada por ELISEU.

VIVALDO

(Fazendo grande estardalhaço) Grande Eliseu Miranda!

Feliz por avistar o amigo, ELISEU levanta-se para recebê-lo, também fazendo estardalhaço.

ELISEU

Grande Vivaldo Nascimento!

Eles se apertam as mãos, depois se abraçam calorosamente.

VIVALDO

(Abraçado ao outro) Eu sou o homem mais feliz do mundo, Eliseu! Tenho uma mulher que me adora, e um grande amigo que é mais do que um amigo: é um irmão!

ELISEU

(Comovido) Obrigado, Viva. Você sabe que pra mim você também é um irmão.

VIVALDO

Devemos agradecer a Deus por essa amizade sagrada. Eu agradeço sempre.

Eles sentam-se.

ELISEU

Eu também. *(Muda de tom) Vai de cerveja?*

VIVALDO

Vou.

ELISEU

(Grita para uma determinada direção) Vagalume, solta uma lourinha!

VIVALDO

Falar em Deus, que camarada legal comigo, manão! Me dá saúde, duas pessoas superimportantes na minha vida, e alguns trocadinhos no bolso. Eu posso reclamar desse sujeito super gente fina?

ELISEU

(Rindo) De jeito nenhum! *(Noutro tom)* Mudando de assunto: você chegou quando?

VIVALDO

Há umas duas horas atrás.

ELISEU

O que aconteceu? Você disse que voltava ontem.

Entra VAGALUME, jovem empregado do bar. Leva a garrafa de cerveja e copo para a mesa onde estão sentados VIVALDO e ELISEU. Silenciosamente, ele abre a cerveja, depois vai embora, enquanto os dois amigos prosseguem conversando.

VIVALDO

Apareceram muitas coisas pra eu consertar pro ricaço lá de Campos.

ELISEU

Rapaz, você perdeu uma grande caçada!

VIVALDO

É mesmo?

ELISEU

Se perdeu!... Eu matei duas gambás e um tatu bola; o Onésio matou um baita

veado! Só faltou você, Viva!

VIVALDO

A minha presença tá garantida pra caçada do próximo domingo.

ELISEU

Rapaz, aconteceu uma coisa tão chata com o pobre do Onésio, quando voltamos da caçada.

VIVALDO

O quê?

ELISEU

Ele entrou em casa todo feliz com o veado nos braços, aí deu de cara com a mulher trepando com o filho do vizinho.

VIVALDO

(Perplexo) Outra vez?!

ELISEU

Pois é!

VIVALDO

É a terceira vez que ele leva chifres, né?

ELISEU

A quarta. Coitado: ele não tem mesmo sorte com mulher. Também, só arranja vagabunda. Ele tava crente que a Jojó tinha virado santa.

VIVALDO

E aí? Ele matou os dois sem-vergonhas?

ELISEU

Não, jogou o veado em cima dos dois sem-vergonhas. Mas não deu pra matar.

VIVALDO

E onde tava a arma dele?

ELISEU

Com ele, mas sem bala. Ele tinha descarregado todos os tiros no veado.

VIVALDO

Era preferível ele não ter matado o veado.

ELISEU

Graças a Deus que ele matou! Se não tivesse matado, a essa hora ele estaria vendo o sol nascer quadrado numa cadeia, por causa de uma vagabunda. Por falar em vagabunda, rapaz, anteontem, no trabalho, eu fui tentado por uma dessas mais que a serpente que tentou Eva no Paraíso.

Blecaute.

Cena 8

ELISEU, vigia de uma fábrica, está com o radinho de pilha colado ao ouvido, sentado numa cadeira, ao fundo do palco. Rádio transmite música. Tempo. Entra RÚBIA, aproximando-se de ELISEU. É uma jovem mulher bonita, visivelmente maquiada, usando sapatos de salto alto, vestido justo, curto e decotado.

RÚBIA

(Coquete) Olá!

ELISEU

(Formal) Boa noite. *(Desliga o rádio.)*

RÚBIA

(Apontando o prédio invisível, ao fundo) É fábrica de quê?

ELISEU

De pedra pra isqueiro.

RÚBIA

Eu tou perguntando, porque eu não conheço nada na cidade. Sou nova aqui.
(Estende-lhe a mão) Rúbia Stefânia.

ELISEU

(Aperta-lhe a mão, apresentando-se) Eliseu.

RÚBIA

Muito prazer, Eliseu.

ELISEU

Rúbia Stefânia. Que nome, hein?

RÚBIA

(Envaidecida) Gostou?

ELISEU

É diferente.

RÚBIA

Eu é que tive que botar a cabeça pra funcionar, pra criar esse nome diferente. Os burros dos meus pais não tiveram um pingão de imaginação. Tascaram no meu registro dois palavrões: Maria Jupira. Eu tenho cara de Maria Jupira? *(ELISEU sorri discreto)* Claro que não tenho! Eu me considero uma artista com um nome de encher a boca.

ELISEU

Artista de quê?

RÚBIA

Artista da vida!

ELISEU

(Olha-a de alto a baixo, maliciosamente) Entendi...

RÚBIA

(Ofendida) Entendeu o quê?...

ELISEU

Que você parece mesmo uma artista de televisão, de cinema...

RÚBIA

(Envaidecida) Obrigada. *(Pausa)* Você é daqui mesmo de Trajano?

ELISEU

Nasci e me criei aqui.

RÚBIA

Eu nasci e me criei em Rio Bonito. Conhece?

ELISEU

Não.

RÚBIA

Saí de lá com quinze anos e não voltei mais. Sabe, eu não sou de ficar muito tempo num só lugar. Me dá uma comichão na alma, aí eu tenho que pegar a estrada. Imagine você que eu já rodei quase que esse Brasil inteiro!

ELISEU

(Sem muito interesse)

É mesmo?

RÚBIA

Juro! Eu sou assim: chego num lugar estranho, e faço logo amizade. Não tinha dois meses que eu tava morando em Petrópolis, aí cismeimei de conhecer Trajano de Moraes. Resultado: no ônibus eu fiz amizade com uma moça que me convidou pra morar com ela. Conhece a Arilza que mora na Rua da Feira?

ELISEU

Conheço, e muito!

RÚBIA

Tou morando com ela. *(Muda de tom)* E você? Mora também aqui pelo centro da cidade?

ELISEU

(Lacônico) Não. *(Pausa)*

RÚBIA

Noite bonita, né?

ELISEU

É.

RÚBIA

Faz muito tempo que você trabalha como vigia dessa fábrica?

ELISEU

Há doze anos, quatro meses e seis dias.

RÚBIA

Bastante tempo! Eles pagam bem aí?

ELISEU

Dá pra viver.

RÚBIA

(Como que completando-o) E manter mulher, filhos...

ELISEU

Não tenho mulher nem filhos.

RÚBIA

Ah, solteirinho?...

ELISEU

Graças a Deus.

RÚBIA

Credo! Você fala de um jeito que dá a impressão que casamento pra você é sinal de desgraça.

ELISEU

E é mesmo. Não quero padecer o que o meu pai e minha mãe padeceram um na mão do outro.

RÚBIA

Com eles não deu certo, mas pode dar certo pra você.

ELISEU

(Um pouco rude) Não adianta gastar palavra, moça, que você não vai mudar a minha opinião.

RÚBIA

Está bem. Não tá mais aqui quem falou. *(Pausa)* Você larga a que horas, Eliseu?

ELISEU

Às seis da matina.

RÚBIA

Você gosta de trabalhar à noite?

ELISEU

Já tou acostumado. *(Pausa)*

RÚBIA

Bem, vou indo. Vou dar uma voltinha por aí, pra conhecer um pouco mais a cidade. Aparece na casa da Arilza pra tomar um café comigo.

ELISEU

Vou aparecer.

RÚBIA

(Afastando-se) Tchau.

ELISEU

Tchau. *(No seu jeito irônico)* Bom passeio...

RÚBIA

Obrigada. *(Sai)*

ELISEU

(Consigo mesmo, olhando na direção por onde saiu RÚBIA) Do meu bolso, você não tira um centavo, **grande artista!**

Pelo lado oposto surge ONÉSIO, também trajando uniforme de trabalho.

ONÉSIO

(Brincalhão) Gostei de ver, simpático! A ruiva passou por Maneco e por mim, e não deu a menor bola, mas montou acampamento no seu posto. Me conta o segredo do seu sucesso, ô destruidor de corações!

ELISEU

Antes eu não tivesse feito sucesso nenhum com ela. Você precisava ver, Onésio: ela fez mais de mil perguntas sobre a minha vida: onde eu moro, se tenho mulher e filhos, quanto eu ganho... Porra! Pior do que investigador de polícia!

ONÉSIO

Mas isso quer dizer que ela tá mesmo interessada em você, cara.

ELISEU

Só que eu não estou nem um pouquinho interessado nela.

ONÉSIO

Agora é sério, Eliseu. Já tá passando da hora de você arranjar uma companheira pra você. Até quando você vai ficar morando sozinho num quartinho, nos fundos de uma casa de gente estranha?

ELISEU

Antes só do que mal acompanhado. Você não reparou no tipo, não? Ela chegou na cidade, e foi logo fazer dupla com a famosa Arilza da Rua da Feira.

ONÉSIO

Isso é o de menos. A minha Jojó vivia metida com a Arilza, e hoje é uma santa companheira pra mim.

ELISEU

Você esqueceu o que as suas outras santas companheiras que viviam metidas com a Arilza da Rua da Feira fizeram com você?

ONÉSIO

(Bravo) Eu já não disse pra você não tocar mais nesse assunto comigo, porra?

ELISEU

Desculpa. Eu esqueci.

ONÉSIO

A Jojó é diferente daquelas três piranhudas. É uma santa criatura! A minha santinha!

ELISEU

Pois eu digo e repito: estou muito satisfeito sozinho. Não vai ser essa pistoleira que vai me tirar do quartinho de fundo da casa da viúva Alencar.

Blecaute.

Cena 9

VIVALDO e ELISEU no bar.

ELISEU

...aí saí do trabalho, e não sei por que me deu na veneta de mudar de rumo e peguei a Rua da Feira. Quando eu tava passando na frente da casa da Arilza, para um carrão. Adivinha quem saltou dele?

VIVALDO

A artista.

ELISEU

Ela mesma. Ficou toda sem graça quando me viu.

VIVALDO

Quem era o cara que tava com ela?

ELISEU

Não conheço. Era um velhote.

VIVALDO

Eu vou passar na Rua da Feira pra conhecer a nova moradora da cidade.

Surge RÚBIA, aproximando-se da mesa onde estão os dois homens. ELISEU logo a vê. RÚBIA sorri para ele.

ELISEU

(Tom baixo de voz) Não vai precisar; olha ela chegando!

VIVALDO

(Olha encantado para RÚBIA) É a Rúbia Stefânia?!

ELISEU

Cuspida e escarrada!

VIVALDO

Lindona, cara!

ELISEU

A lindona tá me perseguindo.

RÚBIA

Olá! Boa noite!

OS DOIS

Boa noite.

RÚBIA

Tudo bom, Eliseu?

ELISEU

Tudo bem. *(Apresenta VIVALDO)* Vivaldo, um amigo.

RÚBIA

(Aperta a mão de VIVALDO) Muito prazer, Vivaldo. *(Apresentando-se)* Rúbia Stefânia.

VIVALDO

Tudo bem, Rúbia?

RÚBIA

(Esfuziante) Tudo divino, maravilhoso! Posso sentar um pouquinho com vocês?

VIVALDO

Claro! (*Puxa a cadeira para ela sentar-se.*)

ELISEU

Coincidência. Eu tava falando de você com o Viva.

RÚBIA

(*Bem humorada*) Bem ou mal? (*Acende um cigarro*)

ELISEU

Nem bem, nem mal. Eu tava contando pra ele como a gente se conheceu.

VIVALDO

Bebe o quê, Rúbia?

RÚBIA

Pode ser cerveja.

VIVALDO

(*Grita para uma determinada direção*) Vagalume, mais uma! E copo.

RÚBIA

(*Para ELISEU*) Você falou em coincidência; imagina você que, no sábado, eu encontrei na pracinha da cidade um amigo da minha família. Logo depois que eu passei pela fábrica; tá lembrado?

ELISEU

Claro!...

RÚBIA

Ele me convidou pra dar um passeio; aí fomos parar em Teresópolis. Só voltamos de manhã; na hora em que você ia passando na Rua da Feira...

Breve silêncio incômodo.

VIVALDO

(*Para dar cabo do silêncio*) Tá gostando da cidade, Rúbia?

RÚBIA

Tou amando! As pessoas daqui são umas fofuras!

VAGALUME entra, trazendo garrafa de cerveja e copo. Abre a garrafa na mesa.

ELISEU

(Olhando para o relógio no pulso) Tá na minha hora.

RÚBIA

Mas já?! Eu cheguei e você vai embora...

ELISEU

Não é porque você chegou; eu tenho hora certa pra chegar no trabalho. Faltam só dez pras dez. *(Volta-se para VAGALUME)* Vê quanto é, Vagalume.

VIVALDO

Não, eu pago! Deixa por minha conta.

VAGALUME sai.

ELISEU

Falou. *(Levantando-se)* Deixa eu puxar a carroça.

VIVALDO

Aparece amanhã lá em casa pro almoço, Eliseu.

ELISEU

Vou aparecer. Até amanhã.

VIVALDO

Até amanhã.

ELISEU

Até a próxima, senhorita Rúbia Stefânia. *(Sorri para ela.)*

RÚBIA

(Sorrindo) Até a próxima, senhor Eliseu Miranda.

ELISEU sai apressado.

RÚBIA

O seu amigo não foi nada com a minha cara.

VIVALDO

Que é isso! Impressão sua.

RÚBIA

Mas eu acabo conquistando ele. Eu sou dura na queda.

Blecaute.

Cena 10

ELISEU está sentado em sua cadeira, de braços cruzados, cochilando. Cão late ao longe. Tempo. RÚBIA entra, aproximando-se lentamente dele.

RÚBIA

(Bem próxima a ele, sussurrando-lhe no ouvido) Sonhando comigo?

ELISEU

(Acordando) Ahm?... *(Espantado por vê-la)* Você?!

RÚBIA

Desculpe eu ter te acordado.

ELISEU

(Levanta-se, ainda meio impressionado com a aparição dela) Eu tava sonhando com você.

RÚBIA

(Arrebatada) Jura?

ELISEU

Juro! *(Descrevendo o sonho)* O dia tava amanhecendo, e você chegou aqui com um copo de café pra eu tomar.

RÚBIA

Você não entendeu a moral do sonho? Isso é sinal que você deve aceitar o meu convite pra tomar um café comigo.

ELISEU

(Sem muita convicção) Eu não acredito no que acontece em sonhos. *(Boceja)*

RÚBIA

Eu acredito. Sonhar é uma coisa muito séria. Eu só acredito em Deus porque existe sonho.

ELISEU

O Vivaldo ficou até agora com você lá no bar?

RÚBIA

Não. Ele foi logo embora. Parece que é amarradão na gata dele.

ELISEU

E é mesmo.

Pausa. RÚBIA boceja.

RÚBIA

Bem, deixa eu ir pra casa descansar os ossos. *(Afastando-se)* Tchau, Eliseu.

ELISEU

(Subitamente agitado, tomado por visível excitação) Rúbia!

RÚBIA

(Volta-se para ele, estacando) Chamou?

ELISEU

(Tremendamente encabulado) Você... Você... *(Cala-se.)*

RÚBIA

Eu o quê?

ELISEU

(Rápido, despejando as palavras) Eu posso passar amanhã na casa da Arilza, pra tomar o café da manhã com você?...

RÚBIA

(Num largo sorriso, sentindo-se triunfante) Mas é claro que sim, meu amor! Eu vou te servir um café bem reforçado!...

ELISEU

(Cabisbaixo) Eu saio do serviço e vou direto pra lá.

RÚBIA

Eu tinha certeza que você ia acabar aceitando o meu convite, Eliseu. Aliás, desde a primeira vez que eu te vi. Você não sabe, eu te vi antes de você me ter visto.

ELISEU

(Que não entendeu) Como assim?

RÚBIA

No primeiro dia em que eu cheguei à cidade, o ônibus deu uma parada aqui na frente desse portão, porque uma jamanta tava manobrando aí na rua. De repente, eu olhei pela janela e te vi. Você tava sentado aí. *(Aponta a cadeira)* Não sei por que eu não despregava os olhos de você. E então falei comigo em pensamento: “Esse simpático vigia noturno ainda vai tomar um café comigo”.

ELISEU

Aí você saiu à luta pra me convencer a tomar o café com você?

RÚBIA

É. Quando eu quero uma coisa, eu luto com unhas e dentes pra conseguir.

ELISEU

Falando desse jeito, eu fico até com medo de tomar o seu café.

RÚBIA ri divertida, não se abalando nem um pouco com as palavras dele.

RÚBIA

(Rindo) Fica tranqüilo, querido! Eu não vou coar o seu café na minha calcinha.

ELISEU

(Também rindo) Espero que não.

RÚBIA

Agora deixa eu ir preparar o pó e o coador pro nosso café especialíssimo da manhã... *(Dá-lhe um beijo no rosto)* Até amanhã às...

ELISEU

...Seis e meia.

RÚBIA

Seja pontual, meu bem!

ELISEU

(Sorrindo) Eu vou ser.

RÚBIA vai embora cantando alto, vitoriosa.

RÚBIA

Amanhã de manhã,
Vou servir o café da manhã... *(Sai.)*

Pelo lado oposto, logo entra ONÉSIO, torturado, sofrendo, com aparência meio descuidada, o cabelo um pouco arrepiado.

ONÉSIO

Quando ela te beijou no rosto, eu quase corri aqui pra cair de cacete naquela vaca!

ELISEU

(Radiante, esfregando as mãos) Amanhã eu vou sair daqui direto pra casa dela!

ONÉSIO

Você vai ter coragem de se meter com uma puta, Eliseu, depois do que você viu o que aconteceu comigo?

ELISEU

Eu quero só me divertir um pouquinho, Onésio.

ONÉSIO

Nem pra se divertir você devia se meter com essas escrotas. Com nenhuma delas. Mulher nenhuma presta, cara! Eu te juro uma coisa: de agora em diante, ou eu viro veado, ou compro uma boneca de plástico do meu tamanho pra dormir comigo.

Blecaute.

Cena 11

Num cemitério, fim de tarde. VIVALDO e ALICE entram de braços dados, como se caminhassem por entre túmulos. VIVALDO traz flores. O casal para diante de um túmulo imaginário. Ambos benzem-se. Depois VIVALDO inclina-se, pondo as flores no chão. Ele está comovido. Tempo.

VIVALDO

(Fixo no túmulo invisível) Mês que vem vai fazer seis anos que ele... *(Sem coragem de dizer a palavra morreu, faz um gesto vago correspondente)*, mas pra mim é como se tivesse acontecido ontem.

ALICE

Eu gostaria tanto de ter conhecido o seu padrinho! Aliás, todas as outras pessoas que fizeram o bem pra você.

VIVALDO

Quem dera que eu tivesse outras pessoas que fizessem o bem pra mim. Só o padrinho fez, Alice. No dia em que ele chegou no orfanato pra me buscar, eu vi logo que tava salvo do inferno. E, quando ele mo... quando ele foi embora, eu me senti de novo jogado no inferno.

ALICE

(Abraçando-o carinhosamente, com ar brincalhão) Mas aí eu cheguei e te salvei do inferno.

VIVALDO

Foi isso mesmo o que aconteceu. Se não tivessem existido o padrinho e você na minha vida, eu não sei o que ia ser de mim.

ALICE

(Angustiada, afastando-se dele) Até quando vão ser apenas nós dois? Oh, meu Deus! Eu queria tanto te dar um filho!

VIVALDO

(Envolvendo-a nos braços, caloroso) Calma, meu bem! Não fica assim! Ainda não aconteceu, mas se Deus quiser vai acontecer. Tá tudo em ordem com você. É só a gente ter um pouquinho de paciência.

ALICE

(Transtornada) Vamos indo?

VIVALDO

Vamos.

Eles persignam-se, depois se afastam, de mãos dadas.

VIVALDO

Eu vou passar a visitar o túmulo do padrinho mais vezes, ele merece por tudo o que fez por mim.

Blecaute.

Cena 12

ONÉSIO está sentado numa cadeira, ouvindo música num radinho de pilha. Tempo. Entra ELISEU, aproximando-se de ONÉSIO. Está sem o uniforme de trabalho.

ELISEU

(Alvorçado) Oi, Onésio.

ONÉSIO

O que aconteceu, cara? *(Desliga o rádio.)*

ELISEU

Eu vim só avisar que eu não vou trabalhar hoje.

ONÉSIO

Você tá doente?

ELISEU

(Agitado) Não. Eu vou viajar. Vou a Rio Bonito ver o que tá acontecendo com Rúbia.

ONÉSIO

(Ar de censura) Não tá acontecendo nada. Ela deve ter resolvido não voltar mais pra Trajano. Você deve levantar as mãos pro céu e agradecer a Deus por isso.

ELISEU

(Áspero) Eu é que sei da minha vida, Onésio.

ONÉSIO

Mas como é que você vai pra Rio Bonito, homem, se não tem ônibus pra lá, a essa hora?

Entra RÚBIA, sem que ELISEU a veja, posto que ele encontra-se de costas para o local através do qual ela surge. ONÉSIO imediatamente a vê, mas RÚBIA faz sinal para ele não fazer alarde a respeito de sua presença, e vai aproximando-se pé ante pé, com jeito de sapeca. ONÉSIO a encara com desprezo.

ELISEU

(Aflito) Eu tenho que dar um jeito. Acho que vou alugar um carro.

ONÉSIO

(Olhando para RÚBIA com desprezo) Você não vai precisar fazer isso.

RÚBIA, por trás de ELISEU, cobre-lhe os olhos com as mãos. ELISEU de pronto faz o reconhecimento.

ELISEU

(Emocionadíssimo) Rúbia!!! (Vira-se para RÚBIA, abraçando-a arrebatadamente, em verdadeiro êxtase.) Oh, Rúbia!

RÚBIA

Tudo bem, amor?

ELISEU a beija apaixonadamente na boca.

ELISEU

O que aconteceu, Rúbia? Você disse que ia ficar três dias, e acabou ficando duas semanas.

RÚBIA

(Calmamente) Eu já te explico o que aconteceu. (Volta-se para ONÉSIO) Boa noite, Onésio. Tudo bem?

ONÉSIO

(Seco) Tudo péssimo.

RÚBIA

(Para ELISEU) Doença na família, querido. Minha afilhada. Teve que ser operada. Te explico em casa. Vamos? Tou cansada, preciso de um banho.

ELISEU

(Para ONÉSIO) Avisa o Gilmar que eu precisei faltar hoje. Diz que eu não tou me sentindo bem.

ONÉSIO

(Dando uma indireta) É a primeira vez que eu vejo você faltando ao trabalho...

RÚBIA

(Para ONÉSIO, meio debochadamente, filosófica) Tudo nessa vida tem uma primeira vez...

ELISEU

(Para ONÉSIO) Até amanhã.

RÚBIA

Tchau.

ELISEU e RÚBIA afastam-se de braços dados, conversando.

ONÉSIO

(A si mesmo, vendo o casal afastar-se) Você tá desgraçado, Eliseu. Essa pistoleira vai chupar até a última gota do seu sangue.

Saem ELISEU e RÚBIA. Blecaute.

Cena 13

Sobre uma colcha colorida estendida no palco, a cama. ELISEU e RÚBIA se amando. RÚBIA por cima, sentada sobre o amante, como que o cavalgando. Ambos gemem. Tempo. Atingem o orgasmo. RÚBIA deita-se por cima de ELISEU. Tempo.

ELISEU

(Deliciado) Foi maravilhoso!

RÚBIA

Eu sou **maravilhosa**, meu bem! *(Sai de cima dele, pegando cigarro na bolsa jogada ao lado da “cama”).*

ELISEU

(Acariciando-a) Maravilhosíssíssima!

RÚBIA

Você não acha que uma mulher maravilhosíssíssima merecia coisa melhor que um quartinho de fundo pra brincar com seu homem? *(Deita-se de costas ao lado dele, fumando.)*

ELISEU

Eu vou procurar uma casinha pra nós.

RÚBIA

O mais urgente, meu amor. Eu já não aguento mais o olhar emputecido da sua

senhoria quando eu passo.

ELISEU

Ela tem razão de tar puta. Antes eu nunca havia trazido mulher aqui no quarto.

(Pausa.)

RÚBIA

Meu bem.

ELISEU

Hum?

RÚBIA

Tou querendo te pedir uma outra coisa, mas tou morrendo de vergonha.

ELISEU

Pode pedir, florzinha.

RÚBIA

(Senta-se) Sabe o que é? A minha afilhada foi operada por médico particular. Os pais dela, coitadinhos, tão sem um puto pra pagar a operação. Você me arranja essa grana, meu doce?

ELISEU

(Já meio sobressaltado) Quanto que é?

RÚBIA

Trinta mil cruzeiros.

ELISEU

(Horrorizado, sentando-se rapidamente) O quê!?!

RÚBIA

Trinta mil a operação.

ELISEU

Você tá louca, Rúbia?! Eu não tenho essa grana toda!

RÚBIA

(Firme) Você tem sim, fofo!

ELISEU

(Irritado) Se eu tou dizendo que não tenho, é porque não tenho!

RÚBIA

Você quer que eu pegue a carteirinha da sua caderneta de poupança pra te mostrar que você tem até mais de trinta mil cruzeiros no banco?

ELISEU

(Sem graça) Ei! Então você vive fuçando nas minhas coisas, escondido de mim?

RÚBIA

(Ergue-se, ofendida) Eu não fuço porra nenhuma sua! Encontrei a caderneta de poupança por acaso. Mas se você não tem confiança em deixar que eu toque nos seus bagulhos, é melhor eu desaparecer da sua vida. *(Pega a calcinha do chão para vesti-la.)*

ELISEU

(Arrepentido, põe-se de pé, indo para ela) Não, meu amor! Desculpa, desculpa! Esquece o que eu falei.

RÚBIA

(Dura) Você vai me arranjar a grana?

ELISEU

Vou sim.

RÚBIA

(Suaviza-se, largando a calcinha e abraçando-o) Eu tinha certeza que você não ia negar esse favorzinho pra esta criatura desesperada de amor por você, meu gato! *(Toma a iniciativa de beijá-lo vorazmente na boca. Blecaute.)*

Cena 14

Telefone toca sobre uma mesinha. ALICE entra para atender.

ALICE

(Ao telefone) Alô.

Luz sobre a outra extremidade do palco. SETÚBAL fala através de um telefone sem fio. Na outra mão o charuto.

SETÚBAL

(Tom autoritário) Eu quero falar com o senhor Vivaldo Nascimento. É o senhor Sigismundo Setúbal quem está falando. (Fuma)

ALICE

Um momento, senhor Sigismundo. (Cobre a boca do aparelho, gritando para uma determinada direção) Viva! Telefone!

VIVALDO

(Entrando) Quem é?

ALICE

Senhor Sigismundo Setúbal.

VIVALDO

(Apressando-se em atender o telefone) Alguma máquina dele deve ter dado defeito... (Ao telefone) Alô.

SETÚBAL

(Agora caloroso) Como vai, Vivaldo?

VIVALDO

Bem, e você?

SETÚBAL

Eu vou ótimo, como sempre. Tenho uma nova missão pra você. Estou te esperando amanhã.

VIVALDO

Combinado. Até amanhã.

SETÚBAL

Até amanhã.

Luz extingue-se sobre SETÚBAL.

VIVALDO

(Põe o aparelho na mesinha) Eu vou ter que ir amanhã pra Campos, meu amor. Deu defeito numa das máquinas do engenho do grande Setúbal.

Blecaute.

Cena 15

SETÚBAL, perto da persiana, olhando através dela, com o inseparável charuto. Tempo. Surge VIVALDO.

VIVALDO

(Radiante) Grande Setúbal! *(Aperta-lhe a mão)* Como vai?

SETÚBAL

Eu vou ótimo, como sempre!

VIVALDO

E então? Qual é a missão que você tem pra mim?

SETÚBAL

(Olhando-o bem nos olhos) Matar o sujeito cujo nome está escrito neste papel.
(Entrega-lhe um pedaço de papel.)

VIVALDO

(Lê) Eliseu Miranda, Rua do Santuário... *(Interrompe-se, atônito)* Que brincadeira é essa, Setúbal?!

SETÚBAL

(Firme) Você é que está dizendo que é brincadeira.

VIVALDO

(Lendo, estarecido, rapidamente) Eliseu Miranda, Rua do Santuário, casa trinta e sete, fundos, Trajano de Moraes. *(Encara SETÚBAL)* É o meu grande amigo Eliseu!

SETÚBAL

(Insensível) E daí? É amigo seu, e não meu.

VIVALDO

(Atordado) Matar Eliseu... Mas por quê?

SETÚBAL

Você esqueceu o nosso acordo?

VIVALDO

Mas esse é um caso diferente, Setúbal! É do meu melhor amigo que você quer que eu tire a vida, homem! Eu preciso saber o que ele te fez, pra merecer isso.

SETÚBAL

Você já executou doze pessoas pra mim sem saber o motivo da execução; não vai ser agora no caso número treze que eu vou te explicar o motivo.

VIVALDO

Eu já entendi tudo: você tá querendo me testar, tá querendo uma prova de mim.

SETÚBAL

Que prova?

VIVALDO

Sei lá! Acho que você quer saber se, pra você, eu sou capaz de matar até o meu melhor amigo.

SETÚBAL

Você acha isso, e eu não tenho poderes pra fazer você deixar de achar que é isso.

VIVALDO

(Implorante) Pelo amor de Deus, Setúbal, então diz logo qual é a razão pra

você querer que eu mate o meu amigo Eliseu!

SETÚBAL

(Perde a paciência) Basta! Eu não vou mudar o meu procedimento, só pra satisfazer a um capricho seu! Eu sou um homem de ética, eu tenho os meus princípios! E não vou mudá-los por sua causa!

VIVALDO

(Num tom calmo, controlado, de quem tomou uma decisão definitiva) Tá bem, Setúbal. Você não precisa mudar o seu procedimento. Mas arranja outra pessoa pra executar essa missão.

SETÚBAL

(Desmontado) Ora, Vivaldo! Você sabe que eu não tenho outra pessoa pra executar esse tipo de missão.

VIVALDO

Isso é problema seu. Eu não vou matar um amigo que é pra mim mais do que um irmão, só pra satisfazer a sua vontade.

SETÚBAL

(Ponderado) Você não precisa tomar essa decisão agora. Vai para casa, pense bem, reflita com calma, depois você se apresenta pra cumprir a missão. Eu vou aumentar o preço. Você vai receber pela décima terceira tarefa a quantia de quinhentos mil cruzeiros.

VIVALDO

Dinheiro nenhum vai fazer eu tirar a vida do meu melhor amigo.

SETÚBAL

(Convicto) Você vai acabar mudando de opinião, meu rapaz.

Blecaute.

Cena 16

ELISEU irrompe no palco guiado por RÚBIA, que caminha atrás dele, cobrindo-lhe os olhos com as mãos. É como se o casal entrasse na casa deles.

RÚBIA

(Alegremente) Surpresa! Surpresa! (Tira as mãos dos olhos de ELISEU.)

ELISEU

(Leva um grande choque, olhando em torno com os olhos esbugalhados) Mas o que é isso, meu Deus!?!

RÚBIA

Troquei todos os nossos cacarecos por esta mobília tinindo de nova! *(Aponta os móveis invisíveis.)*

ELISEU

Trocou como? Com que dinheiro, Rúbia?

RÚBIA

Com o seu, querido!

ELISEU

Eu não te dei nenhum dinheiro pra você comprar móveis novos!

RÚBIA

Você não sabia que você tem crédito na praça, amorzão?

ELISEU

(Alarmado) Ai, meu Deus! Conta essa estória direito, Rúbia!

RÚBIA

Eu fui à loja de móveis do seu amigo Cazuzinha, e comprei a nossa mobília a crédito.

ELISEU

(Esbravejando) O Cazuzinha não podia vender nada a você em meu nome! Eu não dei nenhuma autorização a ele pra isso.

RÚBIA

Eu disse a ele que queria fazer uma surpresa a você.

ELISEU

(Com amarga ironia) E fez, mesmo: uma bela surpresa...

RÚBIA

Depois você tem que passar na loja pra dar a grana da entrada e assinar toda a papelada da bela surpresa que eu preparei pra você.

ELISEU

Em quanto ficou a bela surpresa?

RÚBIA

Ai, que mania que você tem de se preocupar tanto com dinheiro! *(Pega-lhe na mão)* Vem ver os móveis do quarto.

ELISEU

Você trocou os móveis do quarto também?!

RÚBIA

Troquei tudo, querido! Eu já não agüentava mais olhar pra aquelas porcarias. *(Apontando um móvel imaginário)* Olha só que armário chique!

ELISEU

(Desesperado) Pelo amor de Deus, Rúbia, me diga logo quanto foi a dívida que você fez na loja do Cazuzinha!

RÚBIA

Toda a mobília ficou em duzentos e trinta mil cruzeiros.

ELISEU

(Arregala os olhos, com horror, dando um passo atrás) Duzentos e trinta mil cruzeiros!?!

RÚBIA

Não tá baratinho?

ELISEU

(Trágico) Tou arruinado, meu Deus?

RÚBIA

Você é tão exagerado, criatura!

ELISEU

(Com cara de choro) Onde eu vou arranjar esse dinheiro, Rúbia?

RÚBIA

É a prestação, Eliseu! Prestação de oito mil cruzeiros.

ELISEU

Eu só ganho quatorze mil. Como posso pagar uma prestação de oito mil cruzeiros?

RÚBIA

Deus dá o jeito.

ELISEU

Até agora ele só deu jeito de estrepar cada vez mais a minha vida.

RÚBIA

Deve ser porque você não tem feito os agradinhos que Ele gosta.

ELISEU

Cadê os móveis antigos?

RÚBIA

Eu dei prós mendigos da cidade. Você precisava ver a festa que eles fizeram aí em frente. Disputaram no tapa os cacarecos.

ELISEU

(Severo) Não tinha nenhum cacareco aqui dentro! Eram móveis muito bons!

RÚBIA

Pra você, porque pra mim eles não prestavam. Eu ficava jururu só de olhar pra eles.

ELISEU

Vê se você me entende, Rúbia: eu não tenho condição de pagar essa dívida.

Vamos ter que devolver tudo agora mesmo.

RÚBIA

(Cruel, ameaçadora) Se os móveis saírem daqui, eu vou embora com eles, e não volto nunca mais. *(Segue para a “sala”).*

ELISEU

(Indo atrás dela) Mas criatura, você quer que eu roube, quer que eu mate, pra pagar a prestação dos móveis?

RÚBIA

(Dura, encarando-o) Eu não quero saber de que jeito você vai pagar! Eu só não aceito que os móveis saiam daqui. Sempre vivi no conforto, e não vai ser agora que eu vou viver mal. *(Suaviza-se)* Puxa, meu bem! Será que eu não mereço que você faça um pouquinho de sacrifício por mim? *(Acaricia-o no rosto.)*

ELISEU

(Mártir) Eu não vou aguentar esse sacrifício.

RÚBIA

Aguenta, sim! Você é tão forte, querido! *(Toma a iniciativa de beijá-lo com ardor.)*

VIVALDO chama por ELISEU, lá fora.

VIVALDO

(Voz sofredora) Eliseu!

RÚBIA

(Afastando-se de Eliseu) Seu amigo Vivaldo.

ELISEU

Entra, Viva!

Surge VIVALDO. Seu olhar vai direto para ELISEU; olha para ele transtornado, com o corpo trêmulo. ELISEU também está abalado com tudo o que aconteceu.

ELISEU

Oi, Viva. Tudo bem? *(Aperta-lhe a mão.)*

VIVALDO

(Olhando-o fixamente nos olhos, com expressão desvairada) Vou bem... vou bem...

ELISEU

(Notando o mal-estar por que passa o outro) Vai bem, não! Você tá pálido, tremendo!

VIVALDO

(Com a consciência culpada, desvia o olhar) Impressão sua.

RÚBIA

(Aperta a mão de VIVALDO) E Alice? Como vai?

VIVALDO

(Alheado) Ela vai bem.

RÚBIA

Você não notou nada de diferente aqui na sala, Vivaldo?

VIVALDO

(Dá uma olhada circular pela "sala") O quê?

RÚBIA

Ai, que homem distraído, meu Deus! *(Muda de tom)* Os móveis novos, Vivaldo!

VIVALDO

Ah, é mesmo.

RÚBIA

Gostou?

VIVALDO

Bonitos.

RÚBIA

Eu cheguei há pouco em casa, e encontrei toda a mobília renovada. Seu grande amigo me fez uma bela surpresa!

ELISEU

(Enraivecido) É mentira dela, Viva! Foi ela que me fez uma horrível surpresa! Me arruinou pra comprar esses móveis. Fez uma dívida em meu nome de duzentos e trinta mil cruzeiros.

RÚBIA

(Docemente ríspida, trincando os dentes, afetada) Querido, seu amigo não precisa ficar sabendo das nossas particularidades. *(Apontando uma cadeira)* Senta, Vivaldo. Você me dá licença; eu vou fazer um café pra nós. E vou servir numa das xícaras novas que chegaram hoje... *(Olha significativamente para Eliseu.)*

ELISEU

(Agoniado) Xícaras novas também!?

RÚBIA

(Alegremente) Tudo novo, meu bem! *(Retira-se)*

ELISEU

(Quase chorando) Tou fodido!

VIVALDO

(Mergulhado em suas preocupações, com expressão sombria) Eliseu, você conhece...

ELISEU

(Sem ouvi-lo, corta-o, em desespero) Essa mulher vai acabar comigo, Viva! Me salva dela, me leva pra longe dela! *(Contraditório)* O pior é que eu não consigo viver sem a bruaca! Onde eu tava, meu Deus, quando fui cair de quatro por essa mulher?

ELISEU prossegue conversando sem que ouçamos a sua voz, posto que irrompe a voz gravada de SETÚBAL, numa evocação de VIVALDO. Este olha transposto para ELISEU, sem ouvi-lo.

SETÚBAL

(Voz gravada) Matar o sujeito cujo nome está escrito neste papel.

Cessa a voz gravada de SETÚBAL.

ELISEU

Conhece?

VIVALDO

(Voltando a si) O quê? *(Levanta-se)*

ELISEU

Eu perguntei se você conhece algum agiota pra eu arranjar dinheiro.

VIVALDO

(Tenso, angustiado) Conheço não.

ELISEU

Eu tenho que descobrir um.

VIVALDO

Posso te fazer uma pergunta, Eliseu?

ELISEU

Claro! Diga aí.

VIVALDO

Por acaso você conhece um homem chamado Sigismundo Setúbal?

ELISEU

(Meditativo) Sigismundo Setúbal?

VIVALDO

É.

ELISEU

Não conheço. Por que você tá perguntando isso?

VIVALDO

Porque... Bem, esse Sigismundo Setúbal é o tal ricaço que é o dono de várias destilarias de cachaça em diversas cidades. Sou eu que conserto e faço a manutenção das máquinas dele.

ELISEU

Eu sei disso. Mas, e daí? Ainda não entendi onde você quer chegar.

VIVALDO

É que, na última vez em que eu estive com Setúbal, ele me falou sobre um Eliseu Miranda.

ELISEU

Falou o quê?

VIVALDO

Que conhece uma pessoa aqui em Trajano de Moraes com esse nome.

ELISEU

Então deve existir outro cara aqui na cidade com o meu nome, porque eu não conheço esse Sigismundo Setúbal. Só agora eu tou sabendo que seu patrão tem esse nome.

VIVALDO

É, deve ser mesmo outra pessoa...

ELISEU

Ele te falou como é esse Eliseu Miranda que ele conhece?

VIVALDO

Ele só falou que vinha a Trajano de Moraes pra se encontrar com um conhecido dele chamado Eliseu Miranda. Aí eu disse a ele que eu tenho um amigo com esse nome. Ele respondeu que não devia ser a mesma pessoa. Só isso. Eu não quis perguntar mais, pra não dar uma de intrometido. Mas, de qualquer jeito, eu fiquei com a pulga atrás da orelha. Por isso eu vim aqui saber se você conhece esse Setúbal.

ELISEU

Quem será esse Eliseu Miranda? Eu nunca fiquei sabendo que existe na cidade uma pessoa com o mesmo nome meu.

VIVALDO

Nem eu.

ELISEU

Agora eu tou curioso. Eu vou atrás desse seu patrão pra saber quem é esse Eliseu Miranda, de Trajano de Moraes, que é cupincha dele.

VIVALDO

Não, Eliseu! Não faça isso!

ELISEU

Ora, por que não?

VIVALDO

Porque... bem, o Setúbal é... é um cara muito esquisitão. Cheio da nota, poderoso, ele detesta ser incomodado, detesta ser contrariado. Eu conheço a figura, cara! E tem mais: você pode me deixar mal com a fera, se ele ficar sabendo que eu te contei essa parada. Ainda mais que as coisas agora com a gente não tão nada legal. Eu acho que ele me odeia. Sempre me odiou.

ELISEU

Por que você acha isso?

VIVALDO

É uma história longa. Começou quando o meu padrinho me pegou no orfanato, e me levou pra morar com ele numa das propriedades do pai de Setúbal. Ele era o mecânico das máquinas da fazenda. Setúbal, nessa época, estudava no Rio de Janeiro. Só veio morar de vez na fazenda quando o pai dele morreu, e ele teve que encarar os negócios da família. Setúbal não foi com a minha cara desde a primeira vez em que me viu.

ELISEU

Por quê?

VIVALDO

Porque, pra falar a verdade, eu nunca quis mesmo nada, quando eu morava com o meu padrinho. Só pensava em caçar, pescar, dormir o dia inteiro. Eu era ótimo de pontaria! Me lembro de um dia em que eu tá vá na frente da destilaria, perto do padrinho, Setúbal e um outro empregado da fazenda, o Nono. Nono tava com uma espingarda. De repente, eu olhei pró céu e vi um pombo se aproximando bem lá no alto. Eu arranquei a espingarda do Nono, mirei no pombo, e bum! O pombo se espatifou no chão. Cara, Setúbal teve um ataque: caiu de sopapos em mim! Só não fui massacrado, porque padrinho e Nono me acudiram.

ELISEU

O pombo era dele?

VIVALDO

Era da fazenda.

ELISEU

Então ele fez bem em cair de porradas em você.

VIVALDO

Fez, sim. Acho que ele passou a me odiar ainda mais, depois desse dia. Me aturava na fazenda por causa do meu padrinho... meu padrinho era um empregado antigo e muito querido por todos. É claro que eu me mandei da fazenda, quando ele morreu. Caí no mundo. Viajei por esse Brasil inteiro, até que, muitos anos depois, eu fui encontrado pelo Setúbal. Adivinha o que ele me propôs!

ELISEU

Não faço a menor ideia.

VIVALDO

Ele me convidou pra voltar a morar na fazenda. Fiquei um tempão ganhando sem fazer nada, até que um dia... até que um dia ele me ordenou que eu... que eu fosse consertar as máquinas ...

ELISEU

Mas como, se você acabou de dizer que, na fazenda, você só queria caçar,

pescar e dormir?

VIVALDO

Não, eu... Quer dizer, às vezes, eu via meu padrinho mexendo lá nas máquinas. Aí aprendi alguma coisa...

ELISEU

Ah.

VIVALDO

(Sorrindo dissimulado) Também não sei por que eu tou te contando toda essa história...

ELISEU

Nem eu.

VIVALDO

Eu vou indo.

ELISEU

O café!

VIVALDO

Outra hora eu tomo. Tchau, Eliseu.

ELISEU

Tchau, Viva. *(Sai VIVALDO)*

RÚBIA

(Fora) Só mais um instantinho, rapazes, que eu já tou indo com o café!

ELISEU

Não precisa mais, Rúbia! A visita já foi embora!

RÚBIA

(Entra contrariada) Como foi embora?

ELISEU

(De mau humor) Saindo pela porta!

RÚBIA

Que falta de educação! Não espera o café, sai sem se despedir de mim.

ELISEU

Você parece que foi fabricar a xícara nova que você trouxe da loja.

RÚBIA

(Ri sapeca) É verdade: eu tou tão elétrica com as coisas novas, que levei um ano pra coar o café. Mas eu pensei que ele não fosse logo embora. Seu amigo é muito esquisito, Eliseu.

ELISEU

Hoje ele tá mesmo esquisitão. Ficou o tempo todo aqui num blablá sem fim sobre a história da vida dele que até hoje não tinha me contado. Fez até eu me esquecer do meu problema.

RÚBIA

(Abraçando-o) Mas você não tá com nenhum problema, nego.

ELISEU

(Ar abatido) Meu problema custa duzentos e trinta mil cruzeiros com juros e correção monetária... *(Blecaute.)*

Cena 17

Telefone toca sobre uma mesinha. ALICE entra para atender. Logo atrás dela surge VIVALDO, seguindo-a.

VIVALDO

(Aflito) Se for o Setúbal, você diz que não tou!

ALICE

(Ao telefone) Alô. *(Luz sobre SETÚBAL, numa das extremidades do palco.)*

SETÚBAL

(Ao telefone) Eu quero falar com o senhor Vivaldo Nascimento. É o senhor

Sigismundo Setúbal quem está falando. (*Fuma charuto*)

ALICE

(*Olhando para VIVALDO*) Ele não tá, senhor Setúbal.

SETÚBAL

(*Implacável*) Eu tenho certeza que ele está em casa, minha senhora. É bem provável que esteja ao seu lado. Pois bem, diga a ele que eu mandei dizer que ele não passa de um grande covarde! (*Luz extingue-se em SETÚBAL. ALICE desliga o telefone, nervosa.*)

VIVALDO

(*Ansioso*) E então? O que ele falou?

ALICE

(*Nervosa*) Que tem certeza que você tá em casa, bem ao meu lado. E que você é um grande covarde!

VIVALDO

Filho da puta!

ALICE

O que tá acontecendo, Viva?

VIVALDO

Eu já te contei, Alice: ele brigou comigo porque acha que eu não consertei direito uma máquina dele. Agora quer voltar atrás, mas eu é que não quero mais negócio com ele.

ALICE

Isso não é verdade, Viva! Eu quero saber a verdade! Você tem que me contar a verdade, tem que me contar o que tá se passando entre você e o seu patrão!

Blecaute. Fim do primeiro ato.

SEGUNDO ATO

Cena 18

VIVALDO

(Zangado) Eu já te contei várias vezes o que tá acontecendo. Não vou repetir mais uma vez.

ALICE

Eu não acredito que isso que você disse seja motivo para você nem querer atender o senhor Setúbal no telefone.

VIVALDO

(Fazendo-se de vítima) Eu não posso fazer nada se você não acredita em mim, Alice. E fico muito triste com isso. *(Dá-lhe as costas, retirando-se.)*

ALICE, sofrendo, começa a chorar. Esconde o rosto nas mãos. Blecaute.

Cena 19

ONÉSIO, sentado na sua cadeira, de braços cruzados ao peito. ELISEU próximo a ele, em pé, nervoso, agitado. ONÉSIO o ouve tranqüilamente.

ELISEU

Porque a amiga Arilza ganhou um carro do macho, ela também quer um. Isso pode? Onde eu vou arranjar dinheiro, meu Deus, pra comprar um automóvel, se eu tou devendo até a alma?

ONÉSIO

(Ergue-se) Eu tenho uma solução pro seu caso, meu amigo. Você vai largar essa vigarista e arranjar uma esposa igual a minha.

ELISEU

(Espantado) Esposa sua!? Que estória é essa?

ONÉSIO

(Superior) Eu arranjei uma esposa na última viagem em que eu fiz ao Rio. *(Arrebatado)* Uma moça fantástica, Eliseu! Loura, linda, obediente! Ela só faz o que eu quero.

ELISEU

E por que só agora você veio me dizer isso?

ONÉSIO

Porque eu não quero que ninguém saiba que eu me casei. Você é a primeira e a única pessoa que vai conhecer Santinha. *(Esclarecendo)* O nome dela é Shirley, mas eu botei nela o apelido de Santinha, porque, cara, a minha gatinha é realmente uma santa!

ELISEU

Cumé que você conheceu essa santa?

ONÉSIO

Numa loja. Eu entrei e paguei doze mil cruzeiros por ela.

ELISEU

(Sem entender, estranhando) Ué! Então você comprou uma piranha? Como pode isso?

ONÉSIO

(Veemente, irritado) Mas que piranha! Graças a Deus, eu já passei dessa fase, cara! *(Fascinado)* Eu comprei pra mim foi uma linda senhorita de plástico!

ELISEU

(Arregala os olhos, estupefato) Senhorita de plástico!?

ONÉSIO

(Inabalável, de bom humor) Desarregala esses olhos, homem, que eles tão quase saltando pra fora!

ELISEU

(Transtornado) E não é pra tarem? Você chega pra mim e diz, na maior calma, que casou com uma mulher de plástico!

ONÉSIO

Melhor do que ter-me casado com uma vigarista de carne e osso, que só pensa em me cornear, em me sugar até a última gota! Santinha não faz isso comigo! Quando ela veio comigo, bastou eu ir soprando, soprando, e Shirley foi

crescendo, os peitos estufaram, as pernas, os braços, o rosto. Botei nela uma peruca de cabelos louros, calcinhas de seda, o porta-seios, a anágua, o vestido! Ficou uma lindeza!

ELISEU

(Chocado) Isso é coisa de tarado, homem!

ONÉSIO

Pode ser tara pra você e pros outros, mas eu não sinto assim. Pra mim é uma coisa normal. Amanhã de manhã, quando a gente sair do trabalho, eu vou te apresentar a Shirley.

ELISEU

Deus me livre! Nem passo mais perto da sua casa. Eu prefiro ser sugado pela minha vigarista. E chega dessa conversa doida! *(Afastando-se rapidamente de perto de ONÉSIO)* Eu vou voltar pro meu posto. *(Retira-se)*

ONÉSIO

(Na direção onde saiu ELISEU) Babaca! *(Depois, consigo mesmo, tom apaixonado)* Ai, que saudade, Santinha!

Blecaute.

Cena 20

VIVALDO, barba por fazer, está sentado, pondo bebida num copo. Depois coloca a garrafa numa mesinha que está próxima a ele. Bebe. Tempo. Entra ALICE, com uma bolsa a tiracolo.

VIVALDO

(Irritado, já meio embriagado) Que diabo! Onde você esteve que demorou tanto?

ALICE

(Nervosa, gaguejante) Eeeu... eu fui ao Correio colocar a carta...

VIVALDO

E gastou mais de três hora pra fazer isso?

ALICE

(Recuperando o controle de si, decidida a enfrentá-lo) Não. É que depois eu percorri várias lojas, armazéns, quitandas, procurando um emprego pra mim.

VIVALDO

(Ergue-se, enfurecido) Porra! Você ainda não esqueceu essa estória de arranjar emprego, Alice?

ALICE

(Dramática, inflamada) Como eu posso esquecer isso, Viva, se a casa tá vazia, se tamos quase passando fome?

VIVALDO

(Humilhado, abatido) Eu vou dar um jeito nisso... eu vou arranjar dinheiro.

ALICE

(Abrandando-se) Enquanto você não arranja, não tem nada demais eu trabalhar pra colocar as coisas em casa. Tantas mulheres trabalham fora, meu bem! Olha, eu arranjei emprego na quitanda de dona Madalena.

VIVALDO

(Indignado) Emprego numa quitanda!? Você enlouqueceu, Alice! Eu não tirei você do conforto da casa dos seus pais pra você agora ir vender tomate e cebola numa quitanda! Como é que você acha que eu vou me sentir, se eles souberem disso? Esquece esse negócio de trabalhar em quitanda. Sou eu, o chefe da casa, que tenho que me preocupar com dinheiro.

Blecaute.

Cena 21

RÚBIA e ELISEU estão frente a frente. RÚBIA segura uma mala. ELISEU, barba por fazer, está destruído, em desespero.

RÚBIA

(Encarando-o, desalmadamente) Você não acreditou, né? Não acreditou que eu ia embora, pois agora tá vendo!

ELISEU

(Desesperado, implorante) Por Deus, Rúbia, me dá mais uns dias, só mais uns dias, pra eu descobrir um jeito de arranjar dinheiro.

RÚBIA

(Implacável) Não! Eu já esperei demais! Eu quero o meu carro hoje! Agora!

ELISEU

Só se eu assaltar um banco, mulher!

RÚBIA

Pois assalte!

ELISEU

(Chorando) Você é ruim, você é má, Rúbia!

RÚBIA

Sou, sim! E mesmo assim você ainda me quer.

ELISEU

Tenha piedade de mim!

RÚBIA

Nunca ninguém teve pena de mim. Os homens, então... Ah, os homens! Desde pequena me fizeram de gato e sapato. Eu já te contei que eu fui ser empregadinha numa casa só de homens, quando fiquei sem pai nem mãe. Pois, dos treze aos dezesseis anos, eu tive que trepar com o patrão e os dois filhos dele. Fui usada, fui explorada de todas as maneiras! Agora, meu nego, chegou a minha vez de usar, de explorar. *(Afastando-se)* Já falei demais. *(ELISEU coloca-se na frente dela, impedindo-lhe a passagem. RÚBIA o enfrenta destemida, enérgica.)* Sai da minha frente, Eliseu!

ELISEU

(Humilhando-se) Não vai, meu amor! Fica comigo! Você quer que eu peça de joelho?

RÚBIA

Não, porque não vai adiantar. Substitui o joelho por um carro, que eu fico.

ELISEU

(Para de chorar, tendo uma reação inesperada: cai de tapas em RÚBIA, tomado de fúria) Pois toma o carro, sua vigarista!

RÚBIA

Ai! Ai! Ai!

ELISEU

Some da minha vida!

RÚBIA

(Consegue desvencilhar-se de ELISEU, encarando-o com ódio) Você vai se arrepender amargamente por ter-me batido, cara! Escuta bem o que eu vou te dizer: Ainda vai correr sangue, por causa desses tapas que você me deu! *(Retira-se.)*

ELISEU

(Arrependido, cai no choro) Oh, Rúbia! Não vai embora! *(Correndo atrás dela)* Volta, Rúbia! *(Sai. Blecaute.)*

Cena 22

VIVALDO e SETÚBAL em cena, falando ao telefone.

SETÚBAL

(Expectante) E então? Já tomou a decisão que precisa ser tomada?

VIVALDO

(Sombrio) Não.

SETÚBAL

(Contrariado) Então por que você me ligou?

VIVALDO

(Doloroso) Eu te imploro, Setúbal: revela pra mim o que Eliseu te fez, pra merecer a morte.

SETÚBAL

(Perdendo a paciência) Até quando você vai insistir em me fazer perguntas que eu não vou responder?

VIVALDO

Se você me disser o motivo... e se esse motivo for uma coisa que te fez mesmo muito mal, quem sabe eu ... não sei, quem sabe eu execute a tarefa.

SETÚBAL

(Enervado) Meu tempo é precioso, rapaz! Eu não posso perdê-lo com qualquer coisa. Só ligue pra mim quando você decidir executar a tarefa.

Luz apaga-se em SETÚBAL. VIVALDO põe o fone no gancho.

ALICE

(Entrando, com expressão séria) Quem era?

VIVALDO

Eliseu.

ELISEU irrompe em cena. Está descabelado, a barba crescida, as roupas amarrotadas e sujas. Assustam-se VIVALDO e ALICE.

ELISEU

(Chorando desesperado) Me ajudem! Me ajudem!

VIVALDO

O que aconteceu, Eliseu?

ELISEU

Ela tá morando com Zeferino!

VIVALDO

Quem?

ELISEU

A puta da Rúbia!

ALICE

(Faz ELISEU sentar-se) Senta aqui, Eliseu. E se acalma.

ELISEU

Ela foi morar com ele, porque ele tem carro! Eu preciso comprar um carro! Me ajuda, Vivaldo!

VIVALDO

Ajudar como? Eu também tou na pior como você.

ELISEU

(Ergue-se, desvairado) Se alguém não arranjar o dinheiro pra eu comprar um carro, eu vou cometer uma loucura!

Blecaute.

Cena 23

VIVALDO sozinho no escritório de SETÚBAL, andando de um lado para outro. Fuma nervoso. Tempo. Surge SETÚBAL, indo ao encontro dele. VIVALDO apaga o cigarro com o pé.

SETÚBAL

(Animado) Fico feliz por você finalmente ter-se decidido a executar a minha tarefa!

VIVALDO

(Nervoso) Peraí, Setúbal: você não entendeu bem. No telefone eu disse que primeiro eu precisava ter uma conversa muito importante com você.

SETÚBAL

Desde que não seja sobre aquelas perguntas que você vem insistindo em me fazer...

VIVALDO

Eu não vou te perguntar mais nada.

SETÚBAL

Então qual é a conversa importante que você quer ter comigo.

VIVALDO

É sobre uma ideia que eu tive. *(Muda de tom)* Esse meu amigo que você quer que eu execute, o Eliseu. Bem, ele... o Eliseu tá precisando de grana, de muita grana. Ele se meteu com uma mulher, uma vigarista, por causa dela perdeu o emprego, tá na maior lona, coitado. Mesmo assim, ele quer ter de volta a bandida. E ela só volta pra ele se ele der um carro pra ela. O Eliseu tá disposto a tudo, até a roubar e matar, pra arranjar dinheiro pra comprar o tal carro. Então eu queria que você fizesse o seguinte: procurar Eliseu e oferecer a ele dinheiro pra me matar.

SETÚBAL

(Perplexo) Matar você!? Você enlouqueceu, ou quer me deixar louco?

VIVALDO

Eu quero testar o meu amigo Eliseu, como eu acho que você tá me testando.

SETÚBAL

(Irritado) Eu não posso fazer nada, se você acha que é isso.

VIVALDO

Acho, sim, mas isso não vem ao caso agora. Onde é que eu? Ah! Testar Eliseu; é isso o que eu quero.

SETÚBAL

Testar pra quê?

VIVALDO

Pra saber se a amizade dele por mim resiste mesmo a tudo, se tá acima de tudo. Tanto ele como eu tamos na maior pindaíba, tamos precisando de dinheiro, tamos vivendo uma situação de desespero. Se ele topar me executar, é porque a nossa amizade pra ele é menos importante que dinheiro, aí eu tou livre pra cumprir a missão.

SETÚBAL

(Reflexivo) Entendi.

VIVALDO

(Triste) Mas eu vou torcer, vou pedir a Deus pra ele colocar a nossa amizade acima dos interesses dele, porque, se isso não acontecer, pra mim vai ser o fim de tudo, nada mais vai ter sentido. Você vai procurar o Eliseu pra fazer esse teste?

Blecaute.

Cena 24

ELISEU, braços cruzados, está diante de uma casa imaginária, vigilante, com expressão de sofrimento. SETÚBAL entra, aproximando-se dele.

SETÚBAL

(Estacando ao lado do outro, cordial) Boa tarde.

ELISEU

(Sem olhá-lo, com voz débil) Tarde.

SETÚBAL

(Olhando na mesma direção em que olha ELISEU, amistoso) Ela ainda não apareceu na janela?

ELISEU

(Agora encara o outro, examinando-o bem, estranhando-o) Ela, quem?

SETÚBAL

A bela dama por quem você é apaixonado, chamada Rúbia Stefânia.

ELISEU

(Confuso) Quem te contou isso?

SETÚBAL

Eu fiquei sabendo, de alguma forma. Como fiquei sabendo também que a bela dama só volta pra você se ganhar um carro.

ELISEU

(Hostil) Quem é o senhor, afinal?

SETÚBAL

(Sorri divertido) Faça de conta que eu sou um deus, um deus que, de repente, pousou ao seu lado.

ELISEU

Pra mim só existe um Deus: o que tá lá em cima! *(Aponta para o alto.)*

SETÚBAL

Quem sabe se eu não sou Ele? Ou o diabo! *(Gargalha divertido.)*

ELISEU

Mas que papo besta é esse, hein? O que é que tá acontecendo? O senhor tá a fim de gozar com a minha cara?

SETÚBAL

Em absoluto, Eliseu! Eu vim aqui te ajudar a comprar o carro pra você ter de volta a sua bela Rúbia Stefânia.

ELISEU

(Atônito) Me ajudar a comprar um carro!?

SETÚBAL

É.

ELISEU

O senhor deve ser louco.

SETÚBAL

(Calmamente) Eu te garanto que não.

ELISEU

Em troca de quê o senhor quer me ajudar?

SETÚBAL

Eu vou te explicar o que eu quero de você. Mas em outro local.

ELISEU

(Desconfiado, olhando-o de alto a baixo) Eu não tou gostando nada dessa estória.

SETÚBAL

Eu vou esclarecê-la muito bem pra você. *(Põe a mão no ombro de ELISEU, conduzindo-o para fora de cena.)* Vamos a um lugar tranqüilo onde possamos conversar.

Saem SETÚBAL e ELISEU. Blecaute.

Cena 25

Mesa com duas cadeiras, sugerindo um bar. SETÚBAL e ELISEU aparecem, dirigindo-se para a mesa.

SETÚBAL

Vamos sentar ali. *(Aponta a mesa)*

Sentam-se SETÚBAL e ELISEU.

SETÚBAL

Você bebe o quê? *(Acende charuto)*

ELISEU

Não quero nada. Só quero saber o que o senhor quer comigo.

SETÚBAL

Eu vou direto ao assunto. Meu nome é Sigismundo Setúbal.

ELISEU

Peraí, alguém já me falou no seu nome.

SETÚBAL

Deve ter sido seu amigo Vivaldo Nascimento.

ELISEU

Ele mesmo. O senhor é o patrão dele, né?

SETÚBAL

Sou.

ELISEU

Outro dia ele veio me perguntar se eu conhecia o senhor, porque o senhor disse a ele que conhecia um Eliseu Miranda aqui em Trajano de Moraes. Sou eu esse Eliseu?

SETÚBAL

É.

ELISEU

Mas como o senhor me conhece, se eu não conheço o senhor?

SETÚBAL

Eu sempre me interessei em conhecer, em saber tudo sobre os amigos de quem trabalha pra mim.

ELISEU

Então o senhor andou investigando a minha vida?

SETÚBAL

Investigaram pra mim.

Breve pausa. SETÚBAL fuma.

ELISEU

Bem, o senhor ainda não falou o que tá querendo de mim.

SETÚBAL

Como eu já te falei, Eliseu, eu apurei que você está precisando de muito dinheiro. Pois bem: eu estou disposto a te pagar uma boa quantia em troca de um servicinho que eu quero que você execute pra mim.

ELISEU

Que servicinho é esse?

SETÚBAL

(Encarando-o bem nos olhos, em tom enérgico) Matar seu amigo Vivaldo Nascimento!

ELISEU

(Atordoado, sacode a cabeça) O quê!?! Eu não ouvi direito!

SETÚBAL

(Veemente) Ouviu, sim!

ELISEU

(Erguendo-se, estupefato) Matar o meu amigo Viva!?!

SETÚBAL

Eu não disse que você tinha ouvido? *(Enérgico)* Senta, rapaz!

ELISEU

(Enfurecido, meio descontrolado) Eu não sento perto de um louco!

SETÚBAL

Fale baixo! Eu já disse a você que eu não sou louco!

ELISEU

Então tá querendo brincar comigo. Uma brincadeira muito filha da puta!

SETÚBAL

Nem uma coisa e nem outra. Senta, pra gente conversar com calma.

ELISEU

Eu não sei se eu devo me sentar, depois do que eu ouvi.

SETÚBAL

Eu dou a minha palavra que não há nenhum perigo, que eu não vou te fazer nenhum mal.

ELISEU

(Mais para si mesmo, estarrecido) Matar o Viva!... Onde já se viu isso, meu Deus? Era a última coisa que eu podia ter ouvido! *(Encara SETÚBAL, hostil)*

Escuta aqui, meu senhor: eu nunca matei nem uma mosca!

SETÚBAL

Eu acredito.

ELISEU

(Senta-se) E por que então o senhor tá querendo que eu mate um homem, e ainda por cima o meu melhor amigo?

SETÚBAL

Eu estou lhe fazendo uma proposta; cabe a você aceitá-la, ou não.

ELISEU

Mas por que o senhor tá me fazendo essa proposta absurda, justamente eu, o melhor amigo do homem que o senhor quer ver morto?

SETÚBAL

Não insista, que eu não vou revelar nada sobre isso.

ELISEU

Mas eu preciso saber por que eu fui escolhido pra matar o meu melhor amigo.

SETÚBAL

As razões de eu estar te fazendo essa proposta não vêm ao caso, elas dizem respeito apenas a mim.

ELISEU

Então me diz: por que o senhor quer que o meu melhor amigo seja eliminado?

SETÚBAL

Também não vou revelar isso.

ELISEU

(Insistente) Ele fez alguma coisa de mal pro senhor?

SETÚBAL

Alguma coisa ele fez; mas não me pergunte qual, que eu não vou revelar.

ELISEU

(Abalado) Cada uma que me acontece! De repente um estranho chega pra mim, e me oferece dinheiro pra eu matar um grande amigo!

SETÚBAL

Dinheiro que você está precisando muito. Você vai ter a coragem de desprezar a oportunidade de ganhá-lo?

ELISEU

Vou, sim, porque acima de tudo tá a minha amizade pelo Vivaldo!

SETÚBAL

Se é assim, esqueça o que eu te disse. Mas, se mudar de ideia, entre em contato comigo. *(Tira um cartão do bolso)* Aqui está o meu cartão.

ELISEU

(Pega o cartão, erguendo-se decidido) Eu vou agora à polícia contar tudo, e vou avisar ao Viva que o senhor quer que eu dê cabo dele.

SETÚBAL

(Sorri tranqüilamente) Nem a polícia e nem o seu amigo Vivaldo vão acreditar nas suas palavras.

ELISEU

(Afastando-se rapidamente) Vamos ver se eles não vão acreditar! *(Sai.)*

SETÚBAL

(Cantarola despreocupado) Queremos Deus que é o nosso rei, /queremos Deus que é o nosso pai. *(Dá uma longa tragada no seu charuto. Blecaute.)*

Cena 26

Rua. Ruído de trânsito. ELISEU surge apressado, atravessando a cena. Está abalado. RÚBIA, segurando uma mala, aparece na outra extremidade do palco, como se viesse acompanhando-o.

RÚBIA

(Chama) Eliseu!

ELISEU estaca, virando-se para RÚBIA.

RÚBIA

(Corre para ele, chorando dramática) Oh, Eliseu! (Larga a mala no chão, abraçando-o.)

ELISEU

(Espantado) O que aconteceu?

RÚBIA

(Encara-o, chorando) Me bate! Me bate!

ELISEU

(Olhando-a como se ela tivesse enlouquecido) Te bater por quê?

RÚBIA

Por eu ter te abandonado! Eu não presto, Eliseu! Trocar um homem tão bom como você por um cavalo como o Zeferino! Mas eu juro como nunca mais quero ver esse cafajeste na minha frente! Acabei de largar o desgraçado! Eu descobri que é você, só você que eu amo, Eliseu! Você é o homem da minha vida!

ELISEU

(Com mágoa dela) Só hoje você foi descobrir isso?

RÚBIA

Eu tava cega, meu amor! Mas aconteceu um milagre: eu comecei a enxergar! Isso aconteceu logo depois que você saiu lá da frente de casa. Eu peguei as minhas coisas, gritei pro bandido que eu tenho ódio dele, e vim correndo atrás de você! *(Agarrando-se nele, sôfrega)* Eu quero ser só sua, Eliseu!

ELISEU

(Afastando-a de si, com certo desprezo) Eu não sei mais se eu te quero, depois de tudo, depois de toda a humilhação que você me fez passar.

RÚBIA

(Empertiga-se, superior) Se você não me quer eu não posso te forçar. Esquece

o que eu te disse. *(Apanha a mala, afastando-se)* Adeus.

ELISEU

(Arrependido, trata de detê-la) Não, espera! Não vai!

RÚBIA

(Ar triunfante) Vou ficar fazendo o que perto de você, se você não me quer mais?

ELISEU

(Sucumbido, embriagado pela paixão) Não, não! Eu te quero, sim! *(Abraça-a fortemente; a mala de RÚBIA cai no chão.)* Te quero muito, muito!

RÚBIA

Eu também te quero muito, gatão! *(ELISEU a beija na boca com voracidade.)*

ELISEU

(Após o beijo, febril, encarando-a) Eu te amo! Eu te odeio! Eu devia te matar! Eu devia acabar com a sua raça!

RÚBIA

(Arrebatada) Me mata, mas de amor! Eu não me importo de morrer pelas suas mãos, mas eu quero morrer sendo muito amada, sendo esmagada de tanto amor!

ELISEU torna a beijá-la.

RÚBIA

(Interrompe o beijo, sorrindo divertida) Vamos terminar essa cena em casa, que a gente tá dando escândalo na rua.

ELISEU

(Cai em si, recordando amarguradamente de outras preocupações) Eu não posso ir pra casa agora. Eu tinha me esquecido: preciso ir à delegacia.

RÚBIA

(Estranhando) Fazer o que na delegacia?

ELISEU

Delegacia? *(Torna-se pensativo, introspectivo, como se, de repente, tivesse saído de órbita.)*

RÚBIA

É... *(Ela olha para ELISEU com, cada vez mais, estranheza, visto que ele como que ignora a presença dela ao seu lado. Isso acontece durante certo tempo.)*
Eliseu! O que tá acontecendo?

ELISEU

(Voltando a si, aéreo, agitado) Hein? Nada, tá acontecendo nada não. Eu ia visitar um amigo que trabalha na delegacia, mas depois eu vou. *(Bastante perturbado, pega a mala)* Ou talvez eu não vá mais, não sei. *(Pega-lhe no braço, conduzindo-a.)* Vamos pra casa.

RÚBIA

(Aconchegando-se a ele, toda amorosa) Vamos, querido!

Saem ELISEU e RÚBIA. Blecaute.

Cena 27

VIVALDO, semblante sombrio, encontra-se sentado à mesa, bebendo e fumando. Tempo. Surge ELISEU (com outra roupa), sem que VIVALDO o veja. ELISEU estaca, hesitando em aproximar-se de VIVALDO. Chega a dar meia-volta para ir embora, mas termina decidindo-se a avançar lentamente para a mesa onde está o amigo.

ELISEU

(Com mal-estar) Oi, Viva! *(Força um sorriso)*

VIVALDO, que estava distraído, leva um susto, olhando o outro como se tivesse sido flagrado em algum ato comprometedor.

VIVALDO

Oi!... É você?... *(Estende-lhe a mão, perturbado)* Tudo bem?

ELISEU demora a apertar a mão de VIVALDO.

ELISEU

(Com dificuldade de encarar o outro) Tudo... (Pausa)

VIVALDO

Não quer sentar?

ELISEU

Não, eu... *(Senta-se)* A demora é pouca...

VIVALDO

Vai de cerveja?

ELISEU

Não. Quero beber nada, não. Obrigado. *(Silêncio. De repente, impulsivo, num rompante, demonstrando grande agitação)* Viva, eu preciso falar uma coisa muito... *(Interrompe-se, acovardado, olhando para os lados)*

VIVALDO

Fala!

ELISEU

(Ri nervoso, dissimulador) Bobagem minha! Deixa pra lá.

VIVALDO

Você tá com algum problema, Eliseu?...

ELISEU

Tou, sim: liso! Eu ia te pedir uns trocados emprestados, mas aí me lembrei que você também tá sem grana.

VIVALDO

(Suspira, amargo, pensando na sua situação) Tou, sim. Na maior dureza, cara.
(Bebe)

ELISEU

Vou pedir a outra pessoa. *(Silêncio)*

VIVALDO

Como vai a Rúbia Stefânia? Eu soube que ela voltou pra você...

ELISEU

É, voltou.

VIVALDO

Ela continua exigindo que você compre um carro pra ela?

ELISEU

(Desconfiado) Por que você tá perguntando isso?

VIVALDO

Aquela vez ela não foi embora por que você não deu um carro pra ela?...

ELISEU

(Cabisbaixo, demorando a responder) Ela não tá exigindo nada de mim...

VIVALDO

Fico feliz por isso. *(Silêncio)*

ELISEU

E Alice? Como vai?

VIVALDO

Bem.

ELISEU

(Perscrutador) Você tem ido consertar as máquinas do seu patrão?...

VIVALDO

Não. Eu não tenho mais patrão.

ELISEU

(Surpreso) Ah, não?

VIVALDO

Não.

ELISEU

Você pediu demissão, ou foi ele que te demitiu?

VIVALDO

Eu é que pedi demissão.

ELISEU

Por quê?

VIVALDO

Eu briguei com Setúbal. Ele sempre me explorou, sempre pagou pouco pelos meus serviços. Eu fui reclamar com ele, aí tivemos uma discussão, quase caímos no tapa.

ELISEU

(Distrai-se, falando para si mesmo, sombrio) Então é isso...

VIVALDO Isso o quê?...

ELISEU

(Perturbado, gaguejante) Aaaa... a briga de vocês. Por causa dela que você pediu demissão, né?...

VIVALDO

É... *(Silêncio)*

ELISEU

Você tá tão triste, Viva.

VIVALDO

Eu também tou te achando triste.

ELISEU

É essa situação difícil que tá me deixando assim.

VIVALDO

(De repente, em grande exaltação, agarrando sofregamente ELISEU pelo

pulso) Vamos embora de Trajano de Moraes, Eliseu!

ELISEU

(Espantado) Ir embora? Pra onde?

VIVALDO

Pra qualquer lugar! Eu vou com Alice, e você com a Rúbia. Nós dois vamos trabalhar, vamos ganhar dinheiro honestamente, vamos ser felizes!

ELISEU

(Atordado) É, podemos pensar nisso.

VIVALDO

(Ansiado) Vamos amanhã mesmo?

ELISEU

Calma, Viva! Isso não pode ser decidido assim de uma hora pra outra.

VIVALDO

(Angustiado) Eu já não aguento mais ficar nessa cidade, nesse estado! Eu quero ir pra bem longe!

Surge ONÉSIO, aproximando-se deles, apressado.

ONÉSIO

(Visivelmente agitado, olhando para ELISEU) Até que enfim te encontro!

ELISEU

Oi, Onésio.

ONÉSIO

Vim da sua casa. *(Cumprimenta VIVALDO)* Como vai, Vivaldo?

VIVALDO faz um gesto vago pra ele, informando que está bem.

ELISEU

(Indicando uma cadeira) Senta.

ONÉSIO

Não posso. Tá na minha hora de pegar no batente.

ELISEU

(Notando a agitação em que se encontra ONÉSIO) Aconteceu alguma coisa?

ONÉSIO

Eu descobri por que a sua queridinha voltou pra você.

ELISEU

Descobriu o quê?

ONÉSIO

Ela te contou que largou o Zeferino, né? Pois é mentira! Foi o Zeferino que expulsou ela de casa. Sabe por quê? Porque ela comprou um cordão de ouro na dona Gegê, pra ele pagar. Zeferino ficou uma fera quando soube. Botou ela e o cordão pra fora de casa. Aí ela veio correndo te procurar, dando uma de santinha.

ELISEU

(Rude) Isso é mentira!

ONÉSIO

Pergunta à dona Gegê. Foi ela que me contou. Eu já te disse mil vezes que aquela mulher não presta, Eliseu! Expulsa logo da sua casa aquela vigarista!

ELISEU

(Ergue-se ameaçador) Eu não admito que você ofenda a mulher que eu amo!

ONÉSIO

Pois eu ofendo! A mulher que você ama não passa de uma pistoleira perigosa!

ELISEU aplica um violento soco no rosto de ONÉSIO, derrubando-o. VIVALDO procura segurar ELISEU.

VIVALDO

Para com isso, Eliseu!

ELISEU

(Selvagem, segurado por VIVALDO) Não se mete mais na minha vida!

ONÉSIO

(Levanta-se, esfregando a parte do rosto atingida; está arfante, com ódio.) Eu não vou mais me meter! Eu quero assistir de camarote você ser destruído por ela!

Blecaute.

Cena 28

Sonho de VIVALDO. Música. Cena em ritmo acelerado. Aparece SETÚBAL segurando uma corda, no esforço para puxar a pessoa que está amarrada à corda, ainda invisível. Quando ele atinge a metade do palco, surge ELISEU, vestido apenas de tanga (como Cristo na cruz), com as mãos amarradas pela corda. Ao mesmo tempo, aparece VIVALDO na outra extremidade do palco, imponente, hirto, de posse de uma espingarda de caça, o que leva ELISEU a deixar de resistir em ser puxado, estacando e olhando apavorado para o seu algoz. VIVALDO aponta a espingarda para ELISEU, que, desesperado, grita por socorro, pede clemência. SETÚBAL, impiedoso, indiferente ao sofrimento da vítima a ser fuzilada, põe-lhe uma venda nos olhos. Depois dá ordens para VIVALDO atirar. Ele atira. ELISEU cai no chão, morrendo. Irrompe RÚBIA em disparada, aos prantos. Ela usa um vestido preto, à antiga, comprido até os pés, uma autêntica dama digna. Põe-se de cócoras, atracando-se a ele, no maior desespero. SETÚBAL e VIVALDO, num canto, acendem charuto, conversando animadamente, dando risada. RÚBIA vira-se para os homens. Sua expressão sofre uma súbita e brusca transformação: ela cai na risada, muito feliz, surpreendendo os homens. RÚBIA ergue-se, requebrando-se ao ritmo da música de fundo. Convida SETÚBAL para dançar. SETÚBAL aceita o convite, sorridente. O casal dança. SETÚBAL faz sinal para VIVALDO levar embora o cadáver. VIVALDO obedece, arrastando o cadáver e a corda presa a ele. Música em crescendo, o casal rodopiando ao ritmo.

Blecaute rápido, música fundindo-se com a cena seguinte.

Cena 29

VIVALDO e ALICE deitados lado a lado, cobertos por um lençol comum. Música da cena precedente aumentando, aumentando, ensurdecidora. VIVALDO, dormindo, agita-se na cama. Música atinge o auge quando VIVALDO acorda gritando.

VIVALDO

(Senta-se na cama, aos berros) Aaaaah!

ALICE

(Acorda assustada, sentando-se) Viva, o que foi?

VIVALDO

Ai! Um pesadelo! (Levantando-se) Tive um pesadelo horrível! (Coça o sexo.)

ALICE

Como era o pesadelo?

VIVALDO

Era... Eu nem me lembro mais como era...

ALICE

Deita.

VIVALDO

Tou com sede. (Afastando-se) Vou beber água. (Sai)

ALICE deita-se, cobrindo-se. Blecaute.

Cena 30

ELISEU anda de um lado para outro, nervoso, fumando. Tempo. Modifica-se a iluminação. Surge VIVALDO (imaginação de ELISEU), dirigindo-se ao amigo.

VIVALDO

(Inquisidor, veemente) Você vai ter a coragem de aceitar a tarefa de me matar,

pra ganhar dinheiro?

ELISEU

(Aos prantos) Eu tou desesperado, Viva! Desempregado, devendo a todo mundo!

VIVALDO

(Triste, arrasado) E por isso vai tirar a vida do seu melhor amigo?

ELISEU

(Põe as mãos na cabeça, sacudindo-a, demente) Não, não! Eu não posso fazer isso! Eu não vou fazer isso!

VIVALDO

(Indo embora) Assim espero, Eliseu. Assim espero. *(Sai)*

ELISEU

Eu não vou fazer isso! *(Recupera o controle, olhando ao redor, como se procurasse por VIVALDO. Agita-se pelo palco, alarmado.)* Meu Deus, eu tou tendo visão! Eu tou enlouquecendo! Eu tenho que dar um jeito nisso!

RÚBIA irrompe em cena num pranto escandaloso.

ELISEU

(Corre para ela, assustado) O que aconteceu, meu bem?

RÚBIA

Eu nunca fui tão humilhada como aconteceu hoje!

ELISEU

Humilhada por quem?

RÚBIA

Pelas pessoas que você tá devendo! Todo mundo me cercou na rua pra cobrar o que você tá devendo a eles. *(Ameaçadora)* Se isso acontecer de novo, eu sumo da sua vida, Eliseu! Agora é sério mesmo!

ELISEU

(Grave, encarando-a) Isso não vai acontecer de novo. Eu juro. Eu vou arranjar dinheiro pra pagar as dívidas e comprar o seu carro.

RÚBIA

Como?

ELISEU

(Desvia o olhar, com o corpo tremendo) Não importa como. O que importa é que o dinheiro vai aparecer. *(Trágico)* Depois é capaz que eu desapareça, que eu acabe comigo mesmo.

RÚBIA

(Assustada com o visível mal-estar físico dele) O que tá acontecendo, homem de Deus? Você tá tremendo! *(Toca-o)*

ELISEU

(Com tremor crescente, falando com dificuldade) Isso passa! Isso passa!

Blecaute.

Cena 31

Em cena SETÚBAL, VIVALDO e ELISEU, formando um triângulo no palco. SETÚBAL e VIVALDO falam ao telefone. ELISEU também segura um aparelho e faz a mímica de discar, encontrando o telefone que discar (o de SETÚBAL) em comunicação; mas ele não desiste, tornando a discar repetidas vezes.

VIVALDO

(Angustiado) Ele não te procurou?

SETÚBAL

Não. Mas eu desconfio que é ele que tem ligado pra mim. O telefone toca, eu atendo, aí a pessoa do outro lado da linha fica em silêncio durante um bom tempo, depois desliga.

VIVALDO

Será que é ele mesmo?

SETÚBAL

Eu tenho certeza. Ainda não criou coragem pra dizer que aceita a tarefa, por isso o silêncio.

VIVALDO

Eu peço a Deus que ele não crie coragem nunca.

SETÚBAL

Você tem que pedir a Deus pra que ele crie coragem, em seu próprio benefício.

VIVALDO

Eu prefiro morrer de fome a saber que meu melhor amigo topa me matar, pra ganhar dinheiro.

SETÚBAL

Ora, rapaz, você não pode reclamar da situação que você mesmo criou! Você é que tá levando o seu melhor amigo a querer te matar.

VIVALDO

(Atingido) Não é verdade! Eu só tou querendo testar se ele é mesmo meu amigo!

SETÚBAL

(Rude) E eu tou perdendo o meu precioso tempo com esse seu teste! Tchau.

VIVALDO

Tchau. *(Desliga, permanecendo perto do telefone)*

SETÚBAL faz a mímica de colocar o aparelho no gancho. Imediatamente o telefone toca. SETÚBAL atende.

SETÚBAL

Alô.

ELISEU está ao telefone, sem coragem de falar com SETÚBAL. Este permanece pacientemente ao telefone, consciente que é ELISEU quem está do outro lado da linha.

VIVALDO

(Para si próprio, com a consciência pesada) Meu Deus, meu Deus! Será que eu tou levando mesmo o meu melhor amigo a decidir me matar?

Luz extingue-se em VIVALDO.

SETÚBAL

(Insistindo) Alô.

ELISEU

(Voz trêmula, hesitante) É o... é o senhor Sigismundo Setúbal?

SETÚBAL

Ele mesmo.

ELISEU

Quem tá falando é o Eliseu.

SETÚBAL

Eu sei que é você. E então? Você decidiu executar a minha tarefa? *(Silêncio)*

ELISEU

(No maior sofrimento, caindo no choro) Decidi.

Luz apaga-se lentamente sobre os dois homens. ELISEU chorando incontrolável, e SETÚBAL ouvindo o choro do outro com ar triunfante. Blecaute.

Cena 32

Toca o telefone na casa de VIVALDO. Este entra para atender.

VIVALDO

Alô.

Luz em SETÚBAL, ao telefone.

SETÚBAL

(Animado) Oi, Vivaldo! Eu tenho boas notícias pra você. Ou más.

VIVALDO

(Pessimista) Eliseu ligou?

SETÚBAL

Acabei de falar com ele. *(Como sempre cruelmente direto)* Ele aceitou a tarefa de te matar.

VIVALDO

(Com expressão de horror estampada no rosto) Aceitou.

SETÚBAL

Hum, hum.

VIVALDO

(Destruído) Que horror, meu Deus! Isso não podia ter acontecido!

SETÚBAL

Mas aconteceu. *(Filosófico)* O coração do homem é mais fraco do que ele pensa, meu caro Vivaldo.

VIVALDO

(Em estado de choque) O meu melhor amigo decidiu me matar... Não existe amizade, não existe amor, não existe porra nenhuma! Tudo acabou pra mim, nada mais tem sentido. Agora tanto faz eu matar como morrer.

SETÚBAL

Calma, que essa sensação de que nada não tem sentido vai passar. Você vai esquecer tudo isso, e voltar a achar que viver é maravilhoso. *(Noutro tom)* Agora me diz: Você vai executar a minha tarefa?

VIVALDO

(Muda rapidamente de estado psicológico, tornando-se cruel) Claro que eu vou! Agora eu tou livre pra matá-lo. Ele não conseguiu resistir ao teste de ganhar dinheiro às custas da minha morte.

SETÚBAL

Ótimo! Fico feliz pela sua decisão! Venha hoje mesmo conversar comigo sobre os detalhes da tarefa a ser executada, e também tomar conhecimento da conversa que eu tive com o seu amigo. *(Meio sarcástico)* Ou melhor: ex-amigo.

VIVALDO

(Amargo) É: meu ex-amigo.

SETÚBAL

Estou te esperando. Tchau.

VIVALDO

Tchau. *(Desliga)*

Apaga-se o foco de luz sobre SETÚBAL. Pausa.

VIVALDO

(A si mesmo, desabando no choro) Por que eu fui nascer, meu Deus? Por que eu fui nascer, pra agora tá vivendo semeando a morte?

Entra ALICE, espantando-se com o choro de VIVALDO.

ALICE

Viva! Por que você tá chorando?

VIVALDO

(Dá-lhe as costas) Por favor, Alice, não me pergunte nada. *(Procura controlar-se)*

ALICE

Claro que eu tenho que perguntar, saber o que tá acontecendo!

VIVALDO

Não tá acontecendo nada.

ALICE

(Veemente) Isso não pode continuar assim, Viva. Sabe o que aconteceu com a gente? Você acabou virando um estranho pra mim, e eu me sinto uma estranha pra você. Como não sentir isso, se você acorda nervoso durante a noite, fala

sozinho, e não me diz o que tá acontecendo? Eu não me sinto bem vivendo assim, eu não posso viver com uma pessoa que esconde de mim um segredo, um segredo que parece ser grave.

VIVALDO

Olha, Alice, tenha paciência, um dia eu conto o que tá acontecendo!

ALICE

Por que não conta agora?

VIVALDO

(Irritado) Porque agora eu não posso contar, santo Deus!

ALICE

(Magoada) Eu nunca tive segredo pra você.

VIVALDO

Eu também. Esse é o primeiro que eu tenho. Primeiro e último.

ALICE

É por alguma mulher que você tá sofrendo?

VIVALDO

Ora, que bobagem! Não existe outra mulher na minha vida que não seja você.
(Abraça-a, desesperado) É você que eu amo, eu só tenho você pra amar e ser amado, minha Alice!

ALICE

(Fria, desvencilhando-se dele) Se continuar esse segredo entre a gente, eu não vou poder mais te amar. *(Sai)*

VIVALDO

(Voltando a chorar, infeliz) Que inferno! Que inferno!

Blecaute.

ELISEU está sentado no banco de uma praça, fumando e balançando o corpo, nervosamente. Tempo. Ele não suporta mais ficar sentado; levanta-se, dando voltas no banco, inquieto, amargurado. Surge SETÚBAL, aproximando-se do banco. ELISEU estaca, olhando com pavor para ele.

SETÚBAL

Boa noite, Eliseu. *(Estende-lhe a mão)*

ELISEU

(Aperta-lhe a mão molemente, amedrontado) Boa noite.

SETÚBAL senta-se. ELISEU continua em pé, rígido. Tempo.

SETÚBAL

(Ordenando) Senta, rapaz! *(ELISEU obedece, sentando-se distante de SETÚBAL, na ponta do banco)* E então? Você já planejou a execução da tarefa?

ELISEU

(Sem encarar SETÚBAL) Já.

SETÚBAL

Onde a tarefa vai ser executada?

ELISEU

(Afrontado, com dificuldade de respirar, demorando a responder) Na... na caçada.

SETÚBAL

Que caçada?

ELISEU

Eu vou chamar o Viva pruma caçada. Tudo vai parecer como se tivesse acontecido um acidente.

SETÚBAL

(Gozador) Então boa caçada pra você!

Blecaute.

Cena 34

Residência de VIVALDO e ALICE. ELISEU chama lá fora.

ELISEU

(Fora) Viva!

ALICE entra, indo abrir a porta imaginária.

ALICE

Oi, Eliseu! Entra.

Aparece ELISEU, de mochila e espingarda nas costas.

ELISEU

(Não consegue fixar o olhar em ALICE) Tudo bem, Alice?

ALICE

(Circumspecta) Mais ou menos.

ELISEU

E o Viva?

ALICE

Terminando de se aprontar. *(Pausa)* Eliseu, você sabe o que tá acontecendo com o Viva?

VIVALDO

(Entra, vestido para ir caçar; ríspido) Não tá acontecendo nada, Alice! Para com suas cismas idiotas! (Estende a mão para ELISEU, olhando-o penetrantemente.) Como vai, Eliseu?

ELISEU

(Pálido, trêmulo, sem coragem de olhar para o outro) Bem...

VIVALDO

Animado para caçada?... *(ELISEU faz que sim com a cabeça. VIVALDO volta-se para ALICE, falando-lhe carinhosamente)* Para de se preocupar comigo, meu amor. Tá tudo bem. Quando eu voltar da caçada, nós vamos fazer uma viagem ao Rio. Você quer ir?

ALICE

(Séria, cabisbaixa) Se você quer...

VIVALDO

Claro que eu quero! A gente vai se divertir muito no Rio. *(Beija-lhe rápido)* Até amanhã. *(Volta-se hostil para ELISEU)* Vamos?

ELISEU

Até amanhã, Alice.

ALICE

(Num impulso, chama VIVALDO, sofrendo) Viva!

VIVALDO

(Vira-se para ela, estacando) Sim, meu amor?

ALICE

(Triste, como que se despedindo dele) Cuida bem de você.

VIVALDO

(Sentido nas palavras dela um mau agouro) Claro que eu vou me cuidar! Até amanhã.

Saem VIVALDO e ELISEU. ALICE acompanha com o olhar, perto da porta imaginária, o presumível afastamento da dupla, lá fora. ALICE vira-se para o telefone, encarando-o. Num ímpeto, corre para ele. Pega o aparelho, mas hesita em discar, recolocando o fone no gancho.

ALICE

(A si mesma, desesperada) Oh, meu Deus! O que eu faço da minha vida?

Soa o telefone. ALICE atende.

ALICE

Alô... *(Instante)* Alô... É você, mamãe? *(Patética)* Por favor, mamãe, fala comigo! Agora mesmo eu peguei o telefone pra falar com você e papai, mas não tive coragem, desliguei. Por favor, fala comigo, mamãe! *(Instante. ALICE comovida, chorando copiosamente)* Oh, mamãe, você falou comigo! Obri... obrigada, mamãe!

Luz apaga-se lentamente em ALICE, chorando ao telefone na maior emoção. Blecaute.

Cena 35

RÚBIA e AMANTE correm para os braços um do outro.

RÚBIA

Meu gatão!

AMANTE

Minha gatona! *(Beijam-se com ardor)*

RÚBIA

(Após o beijo) Você conseguiu arranjar o carro pra levar os móveis?

AMANTE

Claro! Vai chegar agora mesmo. *(Gozador)* E o caçador?

RÚBIA

Só chega amanhã. Quando chegar, não vai encontrar nem uma cueca dele.

AMANTE cai na risada. RÚBIA também ri. Blecaute.

Cena 36

Residência de VIVALDO. ALICE entra, segurando uma mala. Uma carta na outra mão. Ela olha em torno, como que querendo fixar na memória todos os objetos presentes no ambiente, despedindo-se deles. Triste, abatida, percorre lentamente a sala, enquanto ouve-se a voz gravada dela, lendo a carta de despedida, carta esta que ela segura.

VOZ DE ALICE

“Viva: Estou voltando pra casa dos meus pais. Não adianta você me procurar, que eu não vou voltar mais pra você. Eu não aguento mais viver ao seu lado, sabendo que um segredo nos separa. Eu larguei família, larguei tudo pelo seu amor, para agora descobrir que meu sacrifício não valeu à pena. Então eu prefiro voltar a ser como antes”.

ALICE deposita a carta na mesinha do telefone. Chora.

VOZ DE ALICE

“Mas peço a Deus que você encontre alguém a quem possa revelar esse segredo que tanto te tortura e me tortura. Seja feliz. Alice”.

ALICE sai aos prantos. Blecaute.

Cena 37

Clareira na mata. Esta é sugerida através de desenhos num telão ao fundo e nas tapadeiras laterais. Canto de pássaro, perto e distante. Entram VIVALDO e ELISEU, caminhando lado a lado, precavidamente longe um do outro.

ELISEU

Vamos dar uma parada aqui pra descansar?

VIVALDO

Vamos.

ELISEU senta-se no tronco de uma árvore derrubada. VIVALDO senta-se no chão, distante do outro. Silêncio. Eles acendem cigarro e fumam.

ELISEU

Você tá diferente comigo.

VIVALDO

Diferente como?...

ELISEU

Esquisito. Desde muito. Agora, por exemplo: sentou longe, como se eu tivesse uma doença perigosa, que pega.

VIVALDO

Eu sentei porque... Ora, só tem esse tronco derrubado nesta clareira. Você sentou nele. Eu tinha que procurar um lugar no chão pra eu sentar.

ELISEU

Mas precisava ser tão longe de mim?

VIVALDO

Não foi de caso pensado que eu sentei aqui. Calhou. Eu vinha caminhando nesta direção. Mas, se você faz tanta questão, eu posso sentar mais perto de você. (*Ergue-se*)

ELISEU

Eu não faço questão de nada, cara. Fica onde tá. Não liga pro que eu disse. Acho que eu tou imaginando coisas que não existem.

VIVALDO

(*Sentando-se*) Eu também acho. Aliás, isso de pensar que eu tou esquisito com você não é a primeira coisa que sai da sua imaginação. Saiu também da sua cachola a besteira de que tinha uma pessoa seguindo a gente na mata.

ELISEU

(*Impressionado*) Não, cara! Isso não é coisa da minha imaginação, não! Eu juro como vi! Eu olhei pra trás e, bem longe, vi um homem se escondendo da gente.

VIVALDO

Você imaginou que viu. Eu procurei, procurei, e não vi ninguém.

ELISEU

A pessoa deve ter-se escondido muito bem, ou ido pruma outra direção. Bem, mas deixa isso prá lá. Eu não quero mais pensar nisso.

Silêncio.

ELISEU

Na última vez que eu vim caçar aqui, nós paramos neste lugar pra descansar. Eu e o Onésio.

VIVALDO

É mesmo?

ELISEU

Hum-hum.

Silêncio.

ELISEU

(Olhando ao redor) Bonito lugar! Parece um paraíso! E a tarde também tá tão bonita, né?

VIVALDO

É.

Silêncio. VIVALDO apaga com o pé o resto do cigarro, depois ergue-se, afastando-se.

ELISEU

(Sobressaltado) Você vai aonde?

VIVALDO

Mijar.

VIVALDO, próximo de uma das extremidades do palco, fica de costas para ELISEU, pondo-se a urinar. Tempo. Eliseu mexe, distraidamente, na espingarda, provocando ruído. Rapidamente VIVALDO volta-se para ele, apontando-lhe a arma. ELISEU leva um grande susto.

ELISEU

(Com pavor na voz) Que é isso, rapaz?!... *(Ergue-se)*

VIVALDO

(Voz enérgica, olhos faiscantes de ódio) Não se mexa, fica onde você tá!

ELISEU

(Apavorado) O que tá acontecendo, Viva? Você ficou louco? Porque você tá apontando essa arma pra mim?

VIVALDO

Se eu não apontasse logo a minha, você ia apontar a sua pra mim!

ELISEU

Eu, apontar a minha arma pra você?! Eu não tou dizendo que você tá mesmo louco? Por que eu ia apontar a minha arma pra você, cara?

VIVALDO

(Aproxima-se do outro, sempre com a arma apontada, implacável) Pra me matar! Você não marcou essa caçada pra isso?

ELISEU

(Tremendamente desconsertado) Eeee ... eu não sei do quê você tá falando, rapaz! Você pirou de vez!

VIVALDO

Você sabe muito bem que eu não tou pirado, Eliseu. Acabou: não adianta mais esconder o jogo. Chegou a hora da caça e do caçador se enfrentarem.

ELISEU

(Fazendo-se de desentendido) Que caça? Que caçadores?

VIVALDO

Nós dois. Não adianta mais bancar o inocentinho, cara! Eu sei que você quer me matar! Sempre soube. Por isso que você notou que eu tou diferente, que eu tou esquisito com você.

ELISEU desaba no choro, sentando-se no tronco. Tal reação deixa VIVALDO estupefato, paralisado.

ELISEU

(Chorando forte) Eu sou um monstro! Um monstro! Atira em mim, Viva! Acaba logo comigo! Eu mereço isso!

VIVALDO

(Aproximando-se de ELISEU, arrependido, comovido) Esquece, Eliseu! Vamos esquecer o que aconteceu! *(Toca-o no ombro)*

ELISEU

Esquecer como, se agora você sabe a monstruosidade que eu ia cometer com você. *(Subitamente para de chorar; dirige-se intrigado ao outro)* Mas peraí! Cumé que você ficou sabendo de tudo? *(Levanta-se)* Não é possível que tenha sido só uma simples desconfiança. Alguém te contou! Quem?

VIVALDO

É uma longa história, Eliseu.

ELISEU

Eu quero saber dela.

VIVALDO

Eu vou te contar. *(Noutro tom)* Bem, tudo começou quando o senhor Sigismundo Setúbal, meu patrão, ordenou que eu te matasse.

ELISEU

(Fulminado, arregalando os olhos) Você, me matar!?!

VIVALDO

É.

ELISEU

Senhor Sigismundo Setúbal ordenou...? *(Interrompe-se)*

VIVALDO

Que eu te executasse.

ELISEU

Meu Deus, eu não tou entendendo mais porra nenhuma! Você tá sabendo que foi ele que me ofereceu dinheiro pra eu te matar?

VIVALDO

Tou por dentro de tudo.

ELISEU

Ai, meu Deus, eu vou enlouquecer! Cumé que você tá sabendo que eu recebi ordem de te matar se você também recebeu ordem pra me matar?

VIVALDO

Você já vai entender. Deixa eu continuar com a história. *(Noutro tom)* Como eu tava contando, Setúbal mandou eu acabar com você.

ELISEU

(Chocado) Por quê? Eu nunca tinha visto esse homem mais gordo antes, até ele aparecer com a tal proposta pra eu te executar. Por que ele quer me ver morto?

VIVALDO

Eu não sei. Eu fiz de tudo, implorei de todos os jeitos, mas o monstruoso Setúbal não me revelou a razão de querer te ver morto.

ELISEU

Peraí! Eu não tou entendendo outra coisa! Por que cargas d'água ele te pediu pra você me matar? Você não é nenhum pistoleiro!

VIVALDO

(Ar abatido, como a mais infeliz das criaturas) Aí é que você se engana, Eliseu. Eu sou um pistoleiro.

ELISEU

(Recua, horrorizado) O quê?!?

VIVALDO

(Grita descontrolado, como que sentindo prazer em auto flagelar-se) É isso mesmo que você ouviu! Eu mato por dinheiro! Sou um matador profissional!

ELISEU

(Em estado de choque) Não é possível! Você é mecânico de máquinas.

VIVALDO

(Arfante, acalmando-se) O meu padrinho é que era isso. Eu só mato... pra Setúbal. Já matei doze. Você seria o meu morto número treze.

ELISEU

(Afrontado, com a mão à altura do coração) Que horror, meu Deus! Todos esses anos convivendo com um assassino, sem saber!

VIVALDO

Pois é.

ELISEU

Não se pode confiar mais nem no melhor amigo.

VIVALDO

É o que eu também penso; você me fez pensar assim...

ELISEU

Ai! (Senta-se no tronco da árvore com dificuldade.)

VIVALDO

(Vai para ELISEU) Você não tá sentindo bem? *(Toca-o)*

ELISEU

(Repelindo-o) Não me toca!

VIVALDO

Eu não vou te fazer nada, cara!

ELISEU

Eu posso acreditar nisso? Você não veio aqui pra me matar?

VIVALDO

Você também veio me matar!

Silêncio. ELISEU cabisbaixo, profundamente envergonhado, sentindo-se o último dos homens.

ELISEU

(Doloroso, sem encarar VIVALDO) Nós dois, assassinos. Somos assassinos, nós dois.

VIVALDO

Somos, sim. Foi só depois que eu descobri que você era capaz de me matar que eu decidi aceitar a ordem de Setúbal pra acabar com a sua vida.

ELISEU

Cumé que você descobriu?

VIVALDO

Fui eu que pedi a Setúbal que te procurasse e oferecesse grana pra você dar cabo de mim.

ELISEU

(Ergue-se, atônito) Você!? Mas por quê? A troco de quê, isso?

VIVALDO

É o seguinte: Depois de muito matutar sobre o motivo de Setúbal ter exigido a sua morte pelas minhas mãos, eu cheguei à conclusão de que ele tava me testando... me testando pra saber se era capaz de executar qualquer pessoa, a mando dele. Aí eu pensei também em fazer um teste com você.

ELISEU

Que teste?

VIVALDO

Você ainda não entendeu? O teste era pra saber se você é mesmo meu melhor amigo; se você, mesmo morrendo de fome, tinha coragem de recusar um bom dinheiro pra me matar. Mas você não teve coragem! O dinheiro falou mais alto que a nossa amizade!

A tarde cai. O palco vai-se escurecendo aos poucos.

ELISEU

Eu fui pego num momento de fraqueza! Eu tava desesperado com as exigências de Rúbia!

VIVALDO

A nossa amizade deveria ser pra você mais importante que a sua louca paixão por aquela bandida!

ELISEU

(Com ódio) Você é um monstro, Viva! De nós três, você é o pior! Você é que é o monstro da história! Foi você que me levou a decidir cometer um crime! Foi você que me transformou num assassino! Pois agora você vai morrer pelas mãos do assassino que você criou!

ELISEU atira em VIVALDO, não acertando. ELISEU atira outra vez, e toma a errar o alvo. VIVALDO atira nele, acertando-lhe em cheio, à altura do coração. Sangue.

ELISEU

Ahm! *(Gira sobre si mesmo, desabando no chão)*

VIVALDO

(Horrorizado com o que fez, deixa a arma cair, correndo para ELISEU) Eliseu!
(Agacha-se, segurando-o nos braços)

ELISEU

(Agonizando) Me... me perdoa, Viva! Perdão!

VIVALDO

(Chorando) Sim, eu te perdôo! E você me perdoa?

ELISEU

Pé... pé... perdôo... Você é o meu melhor amigo que eu tive!

VIVALDO

(Patético) Você também é o meu melhor amigo, Eliseu!

ELISEU morre. VIVALDO o abraça em desespero, chorando copiosamente.

VIVALDO

Oh, não! Meu amigo! Meu melhor amigo!

Tempo. Surge SETÚBAL, estacando.

SETÚBAL

(Frio, impassível) Missão cumprida.

VIVALDO

(Olha-o com estupor, arregalando os olhos) Você aqui!?

SETÚBAL

(Gracejando) Eu costumo estar sempre em lugares que você não faz a menor ideia.

VIVALDO larga ELISEU, dirigindo-se a SETÚBAL com ódio.

VIVALDO

Fora daqui! Você é o culpado de tudo o que aconteceu! *(Apanha a espingarda de ELISEU, apontando-a para SETÚBAL)* Mas você vai pagar por isso, Setúbal! Agora chegou a sua vez!

SETÚBAL

(Aproxima-se de VIVALDO, destemido) Eu não posso acreditar que você tenha coragem de atirar numa pessoa que só quer o seu bem.

VIVALDO

(Acovardado, fraquejando) Eu vou atirar!

SETÚBAL

(Avançando sempre) E vai ficar sem o seu protetor, sem o homem que está sempre disposto a te estender a mão?

VIVALDO deixa a arma cair no chão, chorando. Sente-se totalmente desamparado, perdido.

SETÚBAL

(Abraça VIVALDO) Eu gosto de você, Vivaldo. Como de um filho.

O palco termina de se escurecer por completo.

CORTINA

Observação: O intérprete do personagem Onésio poderá também desempenhar os personagens Benedito, Vagalume e Amante.